



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Campus I – Rodovia BR 285, Km 292

Bairro São José – Passo Fundo, RS

CEP: 99.052-900

E-mail: ppgletras@upf.br

Web: www.ppgl.upf.br

Fone: (54) 3316-8341

Josiane Boff

**NOTÍCIAS *ON-LINE*: ESTRATÉGIAS ENUNCIATIVAS
DE APELO AO SENSÍVEL**

Passo Fundo, janeiro de 2017.

Josiane Boff

NOTÍCIAS *ON-LINE*: ESTRATÉGIAS
ENUNCIATIVAS DE APELO AO SENSÍVEL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, sob a orientação da Profa. Dra. Luciana Maria Crestani.

Passo Fundo

2017

CIP – Catalogação na Publicação

B673n Boff, Josiane

Notícias on-line: estratégias enunciativas de apelo ao
sensível / Josiane Boff. – 2017.

100 f. ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Maria Crestani.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo
Fundo, 2017.

1. Análise do discurso. 2. Semiótica. 3. Jornalismo -
Linguagem. 4. Jornalismo eletrônico. I. Crestani, Luciana Maria,
orientadora. II. Título.

CDU: 82.09

Catálogo: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

Dedico este trabalho aos meus avós. Eu sei e sinto que em qualquer lugar vocês me iluminam e estão orgulhosos por esta conquista. Impossível demonstrar o tamanho da minha saudade e amor por vocês!

AGRADECIMENTOS

Sempre pensei que esta seria uma das partes mais fáceis para ser escrita. Equívoco meu, pois palavras se tornam pequenas diante do sentimento de gratidão neste momento. Yoko Ono estava absolutamente correta ao dizer que “um sonho sonhado sozinho é um sonho. Um sonho sonhado junto é realidade”. Permito-me utilizar esse pensamento para expressar a grandiosidade deste trabalho para mim. Nada disso teria sido possível se eu não tivesse pessoas tão especiais ao meu lado.

Fazem parte da realização desta conquista muitas pessoas. Destaco os mais importantes nesta caminhada, aqueles que sempre foram meu alicerce, que ouviram meus desabafos e sempre tinham consolos e os melhores abraços de conforto: minha família. Sei que não foi fácil me aguentar nos momentos de angústia, de desânimo e até mesmo nos momentos de euforia. Professoras gostam de falar; quando estou feliz, consigo me superar!

À minha mãe Justina, que apesar de não ter tanto estudo, é mestre em projetar efeitos de tranquilidade, carinho e, especialmente, de amor. Permitiu durante todo tempo de estudo que eu realizasse as leituras necessárias e escrevesse meu trabalho. Sempre tinha consigo o discurso “te deixo estudar porque quero o melhor para vocês”. Deixava-me dormir um pouco mais porque “ela ficou lendo até tarde ontem, deixe ela descansar”. Dividiu comigo muitos mates pela manhã e aceitava meu silêncio porque sabia que eu precisava me concentrar. Entendeu meus dias de mau humor e mesmo assim continuou ao meu lado. Você é minha rainha e inspiração!

Ao meu pai Valdomiro, que sempre esteve ao meu lado, incentivando-me a seguir o caminho dos meus sonhos. “Não desiste nunca de estudar”, acredito que essa é uma das frases que mais escuto dele, talvez ele nem saiba o quanto isso me faz bem! Desde o início da minha vida escolar foi ele quem me ajudou financeiramente. Dizer que consegui o mestrado porque ele me ensinou o caminho do trabalho e das conquistas me faz ser ainda mais vitoriosa. Obrigada por me incentivar e mostrar que do pouco podemos fazer muito, afinal, o que queremos, podemos e conseguimos!

Aos meus irmãos, Douglas João, que apesar de ser mais novo, me ensina a ter coragem e me protege. Obrigada por me puxar a orelha e caminhar ao meu lado sempre. Ao caçula, Estevon Davi, que é motivo de alegria na família. Desculpe-me por me negar assistir a filmes ou não deixar você dormir no meu quarto porque eu precisava estudar e escrever. Meu

coração sentia por dizer não, mas sei que você sempre compreendeu o motivo. Vocês dois me enchem de alegria, principalmente quando dizem sorrindo: “Minha irmã é professora!”.

Ao Matheus, que aguentou firme nos momentos de desabafo, ouvindo meus medos, angústias, ansiedade e alegrias. Obrigada por ser da área das exatas e ainda assim aceitar em ler meus trabalhos e elogiar minha escrita. Valeu pelo esforço!

Professora Luciana, minha querida orientadora, obrigada por acreditar em mim, por aceitar o desafio de orientar este trabalho, sem você a finalização desta etapa não seria a mesma. Obrigada por me fazer gostar ainda mais dos textos, por me ensinar a teoria semiótica discursiva e fazer com que eu me apaixonasse por ela. As suas aulas, desde a graduação, sempre foram inspiração para mim, espero um dia ter um pouquinho de tamanha sabedoria, paciência e elegância. Você inspira seus alunos!

Aos professores do PPGL – UPF pelos ensinamentos que muito engrandeceram meus conhecimentos. Em especial ao professores doutores Ernani César de Freitas (UPF), Patrícia da Silva Valério (UPF) e Fabiane Vilella Marroni (UCPEL) pelas contribuições nas bancas de qualificação e defesa deste trabalho. Ao apoio financeiro concedido em forma de bolsa pela instituição, isso sem dúvidas permitiu que este estudo fosse possível. À Karine, secretária do PPGL, que neste tempo tornou-se grande companheira e amiga.

Por fim, mas não menos importante, àquele que permitiu que tudo fosse possível: Deus!

“If you can dream it, you can do it.”

(Walt Disney)

RESUMO

Esta pesquisa se volta ao estudo de estratégias enunciativas empregadas em notícias jornalísticas. Tem como objetivo principal identificar e analisar estratégias enunciativas relacionadas à projeção de efeitos de sentido passionais em notícia jornalística *on-line*. O *corpus* é composto por uma notícia *on-line* intitulada: '*Fiquei petrificada*', diz fotógrafa que fez imagem de menino sírio morto e foi publicada no site G1 *on-line* em 03 de setembro de 2015. A análise ancora-se em estudos enunciativos na perspectiva da Semiótica Discursiva. A escolha dessa abordagem justifica-se pelo fato de que esta teoria se volta ao estudo de diferentes mecanismos enunciativos (verbais e não verbais), procurando explicar como se constroem os sentidos a partir da inter-relação deles no texto. Assim, a base teórico-analítica deste trabalho ampara-se, principalmente, nos estudos de Greimas (2013, 2014), Fiorin (2003, 2006, 2014, 2016), Barros (2005, 2012a, 2012b), Gomes (2005, 2007, 2008, 2009) e Teixeira (2004). Quanto aos procedimentos metodológicos, esta corresponde a uma pesquisa de cunho bibliográfico, de natureza aplicada e abordagem qualitativa. Como resultados, verificamos que as estratégias enunciativas utilizadas no enunciado verbal do narrador projetam efeitos de objetividade e neutralidade. No entanto, quando ocorre a delegação de voz aos interlocutores, estes podem manifestar suas opiniões sem restrições. Assim, na notícia que analisamos, evidenciaram-se efeitos de passionalidade na instância do interlocutor, quando este se manifesta em discurso direto (verbal ou não verbal). Nos enunciados verbais desses sujeitos, aparecem marcas de subjetividade e expressões de apelo ao sensível. Também nas fotos e vídeo, considerados neste estudo uma espécie de discurso direto não verbal, manifestam-se mecanismos de apelo passional. Nelas, as estratégias se mostram mais contundentes, dada a força da imagem e dos recursos audiovisuais na produção de efeitos de realidade e na projeção de elementos da ordem do “indizível”.

Palavras-chave: Notícias *on-line*. Sincretismo de linguagens. Estratégias enunciativas. Efeitos de sentido de ordem passional.

ABSTRACT

This search is about the study of enunciative strategies presented in journalistic news. It has the main goal to identify and to analyze enunciative strategies related to the projection of passionate effects in online journalistic news. The *corpus* is composed by an online news titled: *"I got petrified", says the photographer who took the photo of the Syrian boy* and it was published on the online G1 website on the 3rd September of 2015. The analyze is supported on enunciative studies by the Discursive Semiotic perspective. The choice of this approach is justified by the fact that this theory turns to the study of different enunciative mechanisms (verbal and nonverbal), trying to explain how the senses are constructed from their inter-relation in the text. Therefore, the theoretical- analytical basis is based on the studies of Greimas (2013, 2014), Fiorin (2003, 2006, 2014, 2016), Barros (2005, 2012a, 2012b), Gomes (2005, 2007, 2008, 2009) e Teixeira (2004). About the methodological procedures, this corresponds to a bibliographic search, of an applied nature and qualitative approach. As results, we verified that enunciative strategies used in the narrator's verbal enunciation project effects of objectivity and neutrality. However, when the delegation of voice to the interlocutors occurs, these can manifest their opinions without restrictions. Then, in the news that we analyzed, there were evidences of effects of passionality in the instance of the interlocutor, when this is manifested in direct speech (verbal or nonverbal). In the verbal enunciations of these people, subjectivity signs and expressions of appeal to the sensitive appear. Also in the photos and videos, considered in this study a species of nonverbal direct speech, passionate appeal mechanisms are manifested. In them, the strategies are more evident, because of the photo impact and the audiovisual resources in the productions of reality effects and in the projection of elements of the nature "unspeakable".

Keywords: On-line news. Syncretism of languages. Enunciative strategies. Effects of sense of passion nature.

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Policial paramilitar e criança	75
Foto 2 - Pai de Aylan Kurdi	77
Foto 3 - Aviso.....	79
Foto 4 - Aylan à beira mar.....	80

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Estrutura composicional de uma notícia <i>on-line</i>	26
Imagem 2 - Sincretismo de linguagens	28
Imagem 3 - Instâncias enunciativas.....	42
Imagem 4 - Fotografias e texto verbal nas notícias.....	55
Imagem 5 - Contribuição de texto não verbal	59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Divisão dos textos jornalísticos.....	23
Quadro 2 - Sequência e categorias de análise	65
Quadro 3 - Análise das estratégias enunciativas	84

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 GÊNEROS DO DISCURSO: CONTRIBUIÇÕES PARA A COMUNICAÇÃO HUMANA.....	18
2.1 REVISITANDO O CONCEITO DE GÊNEROS	18
2.2 O GÊNERO REPORTAGEM JORNALÍSTICA E O SINCRETISMO DE LINGUAGENS	23
3 A TEORIA SEMIÓTICA E O PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO.....	31
3.1 TEORIA SEMIÓTICA: REFLEXÕES HISTÓRICAS E CONCEPÇÕES FUNDAMENTAIS.....	31
3.2 PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO.....	33
3.2.1 Nível fundamental	34
3.2.2 Nível narrativo	35
3.2.3 Nível discursivo.....	38
4 ENUNCIÇÃO E TEXTO VERBAL	40
4.1 ENUNCIÇÃO, ENUNCIADO E RELAÇÕES ENTRE ENUNCIADOR E ENUNCIATÁRIO.....	40
4.2 INSTÂNCIAS ENUNCIATIVAS.....	41
4.3 CATEGORIAS DA ENUNCIÇÃO.....	43
4.3.1. A pessoa	44
4.3.2 O tempo	46
4.3.3 O espaço.....	47
4.4 MECANISMOS DE INSTAURAÇÃO DAS CATEGORIAS DA ENUNCIÇÃO E OS EFEITOS DE SENTIDO.....	47
4.4.1 A debreagem	47
4.4.2 Debreagem actancial	48
4.4.3 Debreagem temporal	50
4.4.4 Debreagem espacial	51

4.4.5 A embreagem	51
5 ENUNCIÇÃO E TEXTO NÃO VERBAL	53
5.1 MECANISMOS NÃO VERBAIS E EFEITOS DE SENTIDO	53
5.1.1 As fotografias	54
5.1.2 Os vídeos.....	60
6 METODOLOGIA E ANÁLISE DO CORPUS.....	63
6.1 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA, METODOLOGIAS E CATEGORIAS DE ANÁLISE	63
6.2 ANÁLISE DO CORPUS.....	65
6.2.1 Linguagem verbal: instâncias enunciativas e efeitos de sentidos.....	66
6.2.2 Linguagem não verbal e efeitos de sentidos	74
6.3 ENTÃO.....	83
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS	91
ANEXOS	95
ANEXO A – NOTÍCIA: ‘FIQUEI PETRIFICADA’, DIZ FOTÓGRAFA QUE FEZ IMAGEM DE MENINO SÍRIO MORTO	96

1 INTRODUÇÃO

Lembro com facilidade o dia em que decidi ser professora: nem bem alcançava no quadro branco da sala de aula quando fui sorteada para lecionar português no dia do professor; estava na 3ª série do ensino fundamental. Desde então, o desejo por aprender e a vontade de ensinar passaram a fazer parte da minha rotina. O interesse por compreender o que os textos diziam começou a ganhar ainda mais espaço nos meus dias quando, ao finalizar o magistério, ingressei na faculdade de Letras – Português e Inglês. Na graduação, muito eu aprendi. No entanto, julgava ser necessária uma compreensão mais profunda sobre os mecanismos que se engendram na construção de sentidos dos textos, afinal, eu precisava compreender para então poder explicar esse trajeto aos meus alunos.

Estamos rodeados de textos que conjugam mais de uma linguagem em sua constituição: *outdoors*, *folders*, charges, histórias em quadrinhos, crônicas, fábulas. Por isso, desenvolver habilidades de leitura e compreensão de sentidos desses arranjos sincréticos não é uma tarefa fácil, considerando que, muitas vezes, o leitor compreende, basicamente, o que está explícito no texto verbal, sem perceber os sentidos decorrentes de outros mecanismos que implicam na construção do todo e na persuasão do leitor. Com o intuito de desenvolver habilidades de leitura para repassar os ensinamentos aos alunos, este trabalho propõe ajudar o leitor a compreender melhor o texto e seus efeitos de sentido. Considerando que os textos possuem mecanismos persuasivos e passionais que nem sempre estão explícitos, procuramos, neste trabalho, identificar estratégias enunciativas que denotam efeitos de sentido para, então, levar o aluno a procurar essas marcas no texto para ampliar a compreensão textual.

Este trabalho está inserido na linha de pesquisa da Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo e configura-se como sendo uma pesquisa de natureza aplicada, já que buscamos trazer contribuições a problemas específicos da área. É também de abordagem qualitativa e de cunho bibliográfico.

Em todos os textos, são as escolhas enunciativas as responsáveis pela persuasão do enunciatário e essas escolhas não dizem respeito apenas às estratégias verbais, mas também às não verbais, que dizem respeito às linguagens visuais como imagens, vídeos, gestualidade, expressões faciais ou corporais, entre outros. A relação entre enunciador e enunciatário é

mediada por essas escolhas, e, dependendo delas, pode se estabelecer entre ambos uma relação de proximidade ou de distanciamento. A esse respeito, existem três tipos de relação que podem se estabelecer em decorrência das escolhas enunciativas: interações de ordem racional, sensorial ou passional. Barros (2005) explica que a interação de ordem racional busca convencer pela razão. Ela é marcada pelo uso de estratégias enunciativas que produzem efeitos de objetividade e de distanciamento entre enunciador e enunciatário. A interação sensorial se dá via projeção no texto de efeitos de subjetividade enquanto aproximação sensorial ou corporal. O terceiro tipo, a interação passional, busca o estabelecimento de efeitos de subjetividade afetiva. Nesse último caso, são utilizados mecanismos que projetam efeitos de sentido de aproximação, de cumplicidade, de identificação entre os sujeitos que interagem. Essas relações podem ser apreendidas pelas marcas enunciativas que se projetam nos enunciados. Apesar de serem distintas, é comum os textos mesclarem mecanismos de uma e outra estratégia na sua constituição.

Assim, no intuito de melhor compreender – e melhor ensinar – sobre essas estratégias e mecanismos que produzem sentidos nos textos, era preciso também optar por um gênero textual em que se pudesse observar o funcionamento de tais elementos. Optamos pelo gênero notícia *on-line* para ser objeto de estudo desta pesquisa. Essa escolha deu-se pelas seguintes razões: a) por ser a notícia um gênero proposto como objeto de estudo na escola; b) por ser tradicionalmente “reconhecido” como um texto marcado pela objetividade e distanciamento; c) porque são textos geralmente constituídos por sincretismo de linguagens. A opção pelas notícias *on-line* - em detrimento das impressas – deve-se ao fato de que mais recursos semióticos entram na constituição de tais textos (como áudios, vídeos, infográficos animados etc.), e nos interessam os efeitos de sentido que estes diferentes recursos produzem.

Nesse sentido, dado o recorte que um estudo desta natureza requer, o foco deste trabalho volta-se às estratégias enunciativas de ordem passional nas notícias *on-line*. A opção por estudar esse tema e gênero surgiu pelo fato de haver, nas notícias, uma certa coerção genérica que, tradicionalmente, “prescreve” a não utilização de estratégias subjetivas no discurso do narrador, ou seja, o discurso deste precisa ser objetivo, neutro, impessoal. Isso implica escolhas de mecanismos discursivos mais da ordem do racional que do sensível. Nesse contexto, perguntas que norteiam nosso trabalho são: haveria, então, espaço para os mecanismos de ordem do sensível nesses textos? Como se configurariam tais mecanismos e como se manifestariam nas notícias?

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo principal identificar e analisar estratégias enunciativas relacionadas à projeção de efeitos de sentido passionais em notícia

jornalística *on-line*. Os objetivos específicos assim se configuram: a) entender como elementos verbais e não verbais (sincretismo de linguagens) convergem para a construção dos sentidos; e b) compreender os diferentes efeitos de sentido projetados por escolhas enunciativas de diferentes ordens.

O *corpus* de análise deste trabalho será constituído por uma notícia de jornal *on-line*. Nessa notícia serão analisados os recursos verbais e não verbais voltados à sensibilização do leitor com base nos pressupostos da enunciação na perspectivada Teoria Semiótica Discursiva, cujo precursor foi Algirdas Julien Greimas¹. Essa teoria volta-se ao estudo de textos verbais, visuais e sincréticos e propõe que o sentido de um texto se constrói por meio de um percurso gerativo que comporta três níveis: fundamental, narrativo e discursivo. Embora neste estudo se apresentem os mecanismos de cada um desses níveis, nosso foco se volta, especialmente, para o nível discursivo, visto que é nele que se concentram os estudos da enunciação e das escolhas enunciativas voltadas à persuasão do leitor.

O trabalho está organizado da seguinte forma: o primeiro capítulo apresenta a introdução, onde contextualizamos e apresentamos o estudo ora proposto. No capítulo dois, abordamos os gêneros do discurso, enfatizando sobre os textos jornalísticos. Os teóricos que embasam esse estudo são Bakhtin (2011), Marcuschi (2008), Fiorin (2006) e Hernandes (2006). Neste capítulo também se aborda o sincretismo de linguagens com base, principalmente, em Gomes (2005, 2009) e Teixeira (2004). Os conceitos debatidos neste capítulo são importantes para compreender características do gênero jornalístico e entender as relações que se estabelecem entre as diferentes linguagens em um texto sincrético.

No capítulo três, abordamos os pressupostos teóricos da Teoria Semiótica Discursiva. Explicamos preceitos básicos da teoria, considerando que ela postula a construção dos sentidos de um texto por meio de um percurso gerativo que compreende três níveis: fundamental, narrativo e discursivo. Os três níveis serão explicados, mas nosso principal foco será o nível discursivo, pois é nele que se encontram os mecanismos enunciativos utilizados no texto para a persuasão do leitor. Os teóricos que embasam este capítulo são Greimas e Courtés (2013), Greimas (2014), Barros (2005, 2012a) e Fiorin (2014).

No capítulo quatro, retomamos o nível discursivo na perspectiva da enunciação para estudar os mecanismos enunciativos que se projetam no texto e produzem diferentes efeitos de sentido. Neste capítulo, discorreremos, inicialmente, sobre o conceito de enunciação e enunciado, bem como sobre as relações entre enunciador e enunciatário, as quais se

¹No Brasil, esta teoria é difundida e também vem sendo ampliada, principalmente, por meio dos trabalhos dos semioticistas Diana Barros e José Luiz Fiorin.

estabelecem a partir das escolhas enunciativas. Em seguida, abordaremos as categorias da enunciação, o modo de projeção destas no enunciado e os efeitos de sentido que produzem. Os teóricos que embasam o capítulo quatro são Barros (2005, 2012a), Fiorin (2003, 2014, 2016), Greimas e Courtés (2013) e Benveniste (1989).

O capítulo cinco apresentará os mecanismos enunciativos na linguagem não verbal e os efeitos de sentidos que eles projetam no texto. Barros (2005, 2012a), Fiorin (2016), Gomes (2007, 2008, 2009), Greimas e Courtés (2013) e Hernandez (2006) são os teóricos que fundamentam este capítulo.

A metodologia e a análise deste trabalho serão apresentadas no capítulo seis. Nele serão apresentados os procedimentos metodológicos em relação ao *corpus* e as categorias de análise. Utilizaremos Prodanov e Freitas (2009) para descrever a metodologia deste trabalho. No que se refere à análise, explicamos e identificamos as instâncias enunciativas: enunciador/enunciatário, narrador/narratário e interlocutor/interlocutário. Em seguida, analisaremos os enunciados verbais e não verbais que se projetam em cada instância e neles buscamos identificar estratégias de apelo ao passional, ao sensível.

Por fim, no capítulo sete, teceremos as considerações finais.

2 GÊNEROS DO DISCURSO: CONTRIBUIÇÕES PARA A COMUNICAÇÃO HUMANA

Neste capítulo, discorreremos sobre os gêneros do discurso. Para tanto, apoiamo-nos em Bakhtin (2011) e em outros teóricos que tomam como base os pressupostos bakhtinianos para estudo dos gêneros, como Marchuschi (2008) e Fiorin (2006). Não nos deteremos nas terminologias adotadas por diferentes autores, a exemplo, Marcuschi, que se refere a gêneros textuais, e de Fiorin, gêneros discursivos. O termo aqui adotado é ora apenas gênero, ora gênero discursivo, entretanto, isso não implica uma escolha de definição, mas meramente de adoção de termo. Primeiramente, retomaremos os conceitos necessários sobre linguagem e enunciado. Após, adentraremos no gênero notícia jornalística com base nos estudos de Hernandes (2006).

2.1 REVISITANDO O CONCEITO DE GÊNEROS

Iniciamos nosso contato com as palavras antes mesmo do nascimento, considerando que nossos pais conversam conosco ainda quando estamos no ventre materno. Nascemos e a linguagem se torna cada vez mais constante através das canções de ninar, das palavras e dos gestos. Ansiosamente, os familiares esperam pela primeira palavra do bebê que, por sua vez, será lembrada por muito tempo como um ato de conquista, realização e avanço em uma importante etapa da vida, na qual “o bebê já está falando”. Ainda não conversam, mas através do choro as mães compreendem se o filho está com fome ou sentindo dor. Conforme o tempo passa, diferentes formas de se comunicar são adquiridas, entre elas estão palavras, gestos, sons, imagens – a linguagem nas suas diferentes manifestações.

Bakhtin (2011, p. 261) propõe que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. Logo, compreende-se que a linguagem é utilizada de diferentes formas nas mais variadas esferas de atividades humanas: na escola, na igreja, num círculo de amigos, na política, etc. Todas as atividades humanas implicam, portanto, a utilização da linguagem, que se manifesta através de enunciados. Os enunciados são produzidos e determinados pelas condições específicas e finalidades de cada esfera. Assim, Bakhtin (2011, p. 261-262, grifo do autor) garante que

o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis de enunciados*, os quais denominamos *gêneros do discurso*.

Os gêneros estabelecem conexão imediata entre a linguagem e a vida social. Portanto, na concepção de Bakhtin (2011), são enunciados que circulam nas diferentes esferas discursivas, caracterizados por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo.

O conteúdo temático “é um domínio de sentido de que se ocupa o gênero” (FIORIN, 2006, p. 62). O conteúdo temático das relações amorosas, por exemplo, pode ser apresentado por meio de cartas de amor. Em relação ao estilo, ele é “uma seleção de certos meios lexicais, fraseológicos e gramaticais em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado” (FIORIN, 2006, p. 62). Por isso, os enunciados podem refletir a individualidade daquele que diz. Por conseguinte, nem todos os gêneros permitem reflexos da individualidade do falante na linguagem do enunciado, pois alguns gêneros exigem formas padronizadas, a exemplo de alguns gêneros da esfera jurídica e da científica. O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e de determinadas unidades composicionais. Sob o viés de Bakhtin, Ribeiro (2010) reitera que o estilo ocorre, portanto, em dois planos: o primeiro voltado à individualidade do sujeito, às singularidades do sujeito enunciativo que reflete o estilo individual. O segundo se refere às práticas da linguagem, vinculadas aos estilos dos gêneros, são as convergências dos usos linguísticos textuais e discursivos reiterados em um dado contexto enunciativo. A estrutura composicional, por sua vez, está relacionada ao formato do gênero. A carta, por exemplo, requer logo no início o local e a data, seguidos por um vocativo, o texto e a despedida. Ou a receita, que é apresentada inicialmente pelos ingredientes necessários para depois explicar o modo de preparo com verbos sempre no imperativo, que trazem a ideia de instrução.

Quando aprendemos a falar, na língua materna ou em um novo idioma, aprendemos a estruturar enunciados, visto que não nos comunicamos por palavras soltas, dessa forma, os

gêneros discursivos organizam nossa fala. Inconscientemente, aprendemos a moldar nossos enunciados em forma de gêneros a partir do que já vimos ou conhecemos, portanto é fácil identificar sobre o que o outro irá falar a partir de suas primeiras palavras. Bakhtin (2011, p. 283) deixa claro que “se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.” Sendo assim, os gêneros discursivos contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas.

Por conta da diversidade de gêneros, Bakhtin (2011) faz uma diferenciação entre gêneros primários e secundários, considerando algumas características que os qualificam. Sobre eles, Faraco (2009, p. 132) expõe que

os primeiros são os gêneros da vida cotidiana (em geral, embora não exclusivamente, orais). Constituem-se e se desenvolvem em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea e estão em relação direta com seu contexto mais imediato. Trata-se dos gêneros da conversa familiar, das narrativas espontâneas, das atividades efêmeras do cotidiano. Os segundos aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais elaborada (em geral, mas não necessariamente, escrita). São os gêneros que se geram e se usam nas atividades científicas, artísticas, políticas, filosóficas, jurídicas, religiosas, de educação formal e assim por diante.

À vista disso, as conversas familiares ou em grupos de amigos classificam-se nos gêneros primários, pois a linguagem é mais descontraída e informal. Nessa situação, ao falar com nossos pais ou parentes, usamos expressões que jamais usaríamos em um diálogo com o diretor de uma escola ou ao redigir um ofício ao prefeito. Os gêneros secundários, no entanto, apresentam uma linguagem mais atenta e requintada, demonstrando certo distanciamento entre enunciador e enunciatário, exemplo disso são as reportagens em revistas ou artigos científicos. No entanto, vale ressaltar que, em geral, essa divisão é apenas metodológica, pois vários dos gêneros que encontramos no dia a dia mesclam, além de suas próprias particularidades, características dos gêneros primários e secundários. Para o nosso estudo, trataremos de manifestações do gênero secundário, já que trabalharemos com textos jornalísticos.

Os gêneros já existentes vão sendo adaptados e inovados, por isso não raramente encontramos textos com traços e características de outro gênero textual. Fiorin (2006), ao retomar o termo proposto por Bakhtin (2011), nomeia como hibridização o processo que prevê essa mescla de elementos característicos de um gênero transposto em outro. Isso também está relacionado ao que afirma Bakhtin (2011) sobre os gêneros serem relativamente

estáveis, pois, por conta das escolhas individuais, muitas vezes características de um gênero se reproduzem noutros.

Em sala de aula, os professores podem solicitar aos alunos que pratiquem esse processo de escrita: escrever uma notícia com características dos contos de fadas ou, então, um poema em formato de receita. Atividades assim despertam a criatividade e o interesse pela linguagem, porque, além de exercitar a escrita, os alunos precisam colocar em prática os saberes adquiridos sobre os dois gêneros textuais em questão.

Mesmo sendo relativamente estáveis, alguns gêneros são menos flexíveis e não permitem grandes variações em seu estilo. Esse é o caso dos ofícios, licitações, requerimentos, processos judiciais, leis, entre outros. Conforme já foi mencionado, outros gêneros são mais propensos a adaptações e inovações, possibilitando que se manifestem neles características próprias de outros gêneros. Portanto, conforme afirma Marcuschi (2008, p. 156), não devemos conceber os gêneros como “modelos estanques, nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem, temos de ver os gêneros como entidades dinâmicas”.

Ainda, considerando a diversidade dos gêneros discursivos, convém destacar que nenhum enunciado na linguagem humana é veiculado “solto”, mas sempre em forma de um texto. Ou seja, os gêneros configuram “formas de dizer, de enunciar, de discursar tramadas pela história de uma sociedade, de uma cultura e que nela circulam nos saberes das pessoas – um **universal** – mas que só aparecem **concretamente** na forma de **textos** orais, escritos ou multimodais”. (ROJO; BARBOSA, 2015, p.18, grifo do autor).

Nessa mesma perspectiva, Marcuschi (2008, p. 155) define gênero textual como “textos materializados em situações comunicativas recorrentes” e complementa

os gêneros textuais são textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sócio comunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Por serem situações decorrentes da vida diária, pode até parecer que os gêneros são de simples compreensão e de conhecimento de todos. No entanto, nem sempre é assim que acontece. A pessoa que não teve contato com um determinado gênero durante a sua vida terá dificuldades em reconhecê-lo e compreendê-lo, quando se deparar com ele pela primeira vez. Bakhtin (2011) expõe que até mesmo a pessoa que tem um alto domínio de vocabulário e

gramática pode se sentir desconfortável e não compreender determinadas conversas de sua própria língua, por não dominar um gênero textual. Podemos exemplificar citando o caso de um executivo que tenta manter um diálogo em uma fila do banco. Não é que ele não entenda o que digam, mas pode não estar acostumado a esse gênero. Outra situação semelhante é a de um acadêmico que pela primeira vez irá escrever um trabalho de conclusão de curso e, num primeiro momento, terá dificuldades em elaborá-lo devido ao desconhecimento da estrutura e do estilo do gênero. A partir do contato com esse gênero, aos poucos, internalizam-se as suas características e particularidades.

São exemplos de gêneros textuais: uma palestra, uma conversa com amigos, uma notícia, um bilhete, um manual de instruções, um editorial, um romance, uma história em quadrinhos, entre muitos outros que circulam nas diferentes esferas sociais. Todos eles, independentemente de serem orais ou escritos, definem-se — e distinguem-se uns dos outros — por traços relacionados ao conteúdo temático, à construção composicional e ao estilo.

As receitas de culinária e a carta são bons exemplos para demonstrar que cada gênero textual apresenta conteúdo temático, construção composicional e estilo específicos. No primeiro caso, o das receitas culinárias, o conteúdo temático é próprio do universo culinário, consistindo na apresentação de ingredientes, modo de preparo, tempo de cozimento, recipiente adequado, rendimento da porção, etc. Quanto ao estilo, utilizam-se verbos no imperativo (misture os ingredientes secos e reserve, bata a cenoura com os ovos, coloque em uma assadeira, etc.). Quanto à construção composicional, a receita contém uma divisão (título, ingredientes e modo de fazer). No segundo exemplo, o da carta, o conteúdo temático e o estilo, ou seja, a forma de enunciar será variada, dependendo da situação de enunciação (objetivo do texto e destinatário). Uma carta enviada ao reitor da universidade, por exemplo, empregará recursos estilísticos (escolhas de linguagem) diferentes dos empregados em uma carta destinada a um familiar ou amigo (que trará a linguagem informal, com expressões do dia a dia e marcas de oralidade). Quanto à estrutura composicional, esse gênero contém elementos necessários como a data e local, saudação, corpo do texto e despedida.

Em meio às constantes mudanças tecnológicas, facilmente ocorrem adaptações nos gêneros textuais a fim de possibilitar e facilitar a comunicação humana. Podemos exemplificar essas mudanças através do bate-papo, considerando que ele é uma adaptação da conversa cotidiana através de um novo suporte, como é o caso do *WhatsApp*, *Facebook Messenger* e *Skype*. Esta mesma realidade acontece com as notícias *on-line*, pois não constituem um gênero novo, mas ocorre uma transposição de um suporte para outro. Tal

transposição agrega mudanças e adaptações ao gênero textual quanto às estratégias de composição estrutural e de estilo.

Definido o conceito de gênero, passamos a abordar as características que definem nosso objeto de estudo: o gênero reportagem jornalística. Como se trata de um texto que agrega múltiplas linguagens, constituindo um texto sincrético, explanaremos também o conceito de sincretismo.

2.2 O GÊNERO REPORTAGEM JORNALÍSTICA E O SINCRETISMO DE LINGUAGENS

Diversos são os gêneros textuais que encontramos nos jornais. Beltrão (1976), um dos mais respeitados estudiosos da comunicação no Brasil, defendia a divisão dos textos jornalísticos entre informativo, opinativo e interpretativo, conforme mostra o quadro 1:

Quadro 1 - Divisão dos textos jornalísticos

Classificação	Gêneros
Informativo	História de interesse humano
	Notícia
	Reportagem
	Informação pela imagem
Opinativo	Editorial
	Artigo
	Fotografia e ilustração
	Crônica
	Charge/ caricatura
	Colaboração do leitor
Interpretativo	Reportagem em profundidade

Fonte: Elaboração própria.

Neste trabalho, são textos de nosso interesse aqueles que contemplam a informação, portanto utilizaremos como sinônimos os termos notícia e reportagem², considerando que Mello (2003) assim conceitua esses termos:

Notícia: informação divulgada, geralmente, pelos veículos de comunicação de massa. Por definição é o relato de um fato novo que tenha interesse para a população. Relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante. (MELLO, 2003, p. 155, grifo nosso).

Reportagem: noticiário desenvolvido sobre algum assunto. [...] Gênero jornalístico que consiste no levantamento de assuntos para contar uma história verdadeira, expor uma situação ou interpretar fatos. (MELLO, 2003, p. 201).

Faz-se necessário estabelecer as diferenças entre acontecimento, fato e notícia, pois no jornalismo eles possuem significados diferentes. Nesta perspectiva, Hernandes (2006, p. 23-24, grifo do autor) explica que

Acontecimento- é a manifestação de qualquer fenômeno que passou a ter significado para um ser humano.

Fato- trata-se da primeira eleição e da apropriação que um determinado jornal faz de certos acontecimentos, selecionados por ter determinado valor argumentativo. Selecionar um fato aponta a existência de uma visão de mundo. Tornar algo visível, presente, é, antes de tudo, determinar-lhe valor. Significa, simultaneamente, omitir ou esquecer outros aspectos envolvidos.

Notícia – é, por sua vez, uma hierarquização de fatos, também fruto de uma visão de mundo, dentro de um objetivo de despertar curiosidade, crenças, sensações e ações de consumo do próprio meio de comunicação [...].

Conforme a explanação de Hernandes (2006), é possível compreender que o que vemos nos jornais não é exatamente o que aconteceu. Tanto para a linguística quanto para o jornalismo, há o acontecimento: um show, a final de um campeonato de futebol, um acidente, uma tempestade, entre outros. Todavia, esse acontecimento não será transmitido exatamente como é, já que cada um vê e concebe um acontecimento de maneira diferenciada, portanto, subjetivamente. Do acontecimento, origina-se o fato. Em um acidente, por exemplo, vários jornalistas comparecerão ao local e cada um relatará o fato de uma forma diferente, porque cada jornalista o vê através de sua visão de mundo. Dessa forma, teremos tantas notícias diferentes quantos forem os jornalistas que as reportarem: um atentará para o número de feridos; outro destacará o estado dos carros; outro conseguirá uma entrevista exclusiva, etc.

² Em determinados casos utilizaremos, de forma mais geral, a expressão “textos jornalísticos” como sinônimo de notícia e reportagem.

Ainda que o acontecimento seja o mesmo, ele chegará até nós pelo olhar de alguém. A notícia é o produto final, depois da coleta de dados e da matéria escrita pelo profissional.

O conteúdo temático das reportagens dependerá da notícia que será relatada, sendo que o objetivo do texto é informar os leitores sobre os acontecimentos. Quanto ao estilo, as reportagens costumam manter um padrão de linguagem que projeta efeitos de objetividade e neutralidade. Para tanto, utilizam-se do relato em terceira pessoa, evitam-se adjetivos, modalizadores e quaisquer termos que denotem opinião subjetiva do narrador. No entanto, conforme Bakhtin (2011), essa neutralidade nunca existiu, já que todos os enunciados são marcados pela subjetividade. Não há enunciado que seja neutro, conforme Bakhtin (2011, p. 291) “quando escolhemos as palavras para o enunciado é como se nos guiássemos pelo tom emocional próprio de uma palavra isolada: selecionamos aquelas que pelo tom correspondem à expressão do nosso enunciado e rejeitamos as outras”. Não nos referimos apenas aos textos jornalísticos, mas a todos os gêneros, porque a subjetividade é inerente à linguagem. Por isso se fala em “efeitos de sentido de objetividade e de neutralidade”, os quais são produzidos pelas escolhas enunciativas. A estrutura composicional das reportagens é formada basicamente por quatro elementos: a manchete, o subtítulo, o lead³ e o corpo (HERNANDES, 2006). A manchete é o título que tem como objetivo despertar o interesse do leitor para que a reportagem seja lida. Dessa forma, quanto mais criativa ou atrativa for a manchete, maiores serão as chances de que a atenção do leitor seja despertada. O subtítulo aparece logo abaixo do título e também possui poder de chamar a atenção do leitor. O lead, geralmente, é o primeiro parágrafo da notícia e trás um resumo do fato, apresentando as respostas para as perguntas: O quê? Quando? Onde? O corpo da reportagem consiste no relato dos fatos. Vejamos na imagem 1 a estrutura composicional de uma reportagem⁴ *on-line*.

³Embora já exista a palavra “lide” em língua portuguesa, optamos, a exemplo dos autores que embasam nosso estudo, por empregá-la em inglês (lead).

⁴ A reportagem completa pode ser acessada através do link: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/02/casal-escapa-de-deslizamento-de-encosta-apos-tremor-na-nova-zelandia.html>> Acesso em: 14 fev. 2016.

Imagem 1 - Estrutura composicional de uma notícia *on-line*

14/02/2016 12h57 - Atualizado em 14/02/2016 12h59

Casal escapa de deslizamento de encosta após tremor na Nova Zelândia

Casal fazia piquenique de Dia dos Namorados perto da borda da encosta. Terremoto de magnitude 5,8 foi registrado na Nova Zelândia neste domingo.

SUBTÍTULO

Do G1, em São Paulo








Local onde encosta colapsou ficou coberto de poeira e detritos na cidade de Christchurch, na Nova Zelândia, neste domingo (14); casal que fazia piquenique perto de borda de encosta conseguiu escapar ileso (Foto: Reuters/Richard Loffhagen)

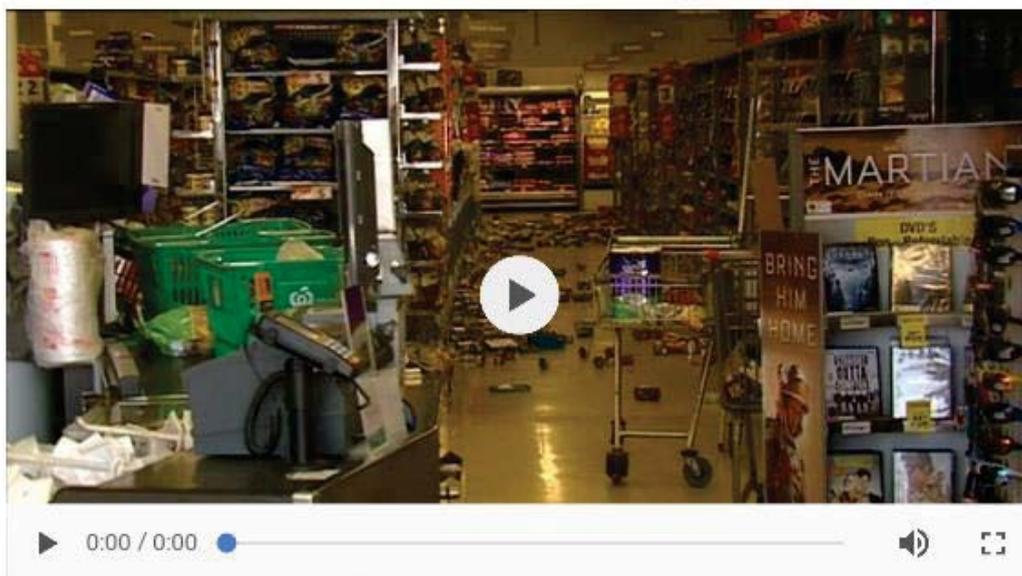
Um casal que fazia piquenique em uma encosta da cidade de Christchurch, na Nova Zelândia, conseguiu escapar de um deslizamento que afetou a área depois de um **terremoto de magnitude 5,8 atingir a região** neste domingo (14).

saiba mais

Terremoto de magnitude 5,8 é registrado na Nova Zelândia

Emma Russell contou ao jornal "The Press" que estava com seu namorado para um piquenique de Valentine's Day (Dia dos Namorados, comemorado neste domingo em alguns países do mundo) a cerca de 50 metros da borda da encosta quando sentiram os tremores.

Partes da encosta onde o casal estava sentado começaram a colpsar, segundo Emma. "Nunca corri tão rápido em minha vida", disse ao jornal. Eles só tiveram tempo de pegar suas bolsas e correr para o carro, onde chegaram em segurança. A região é um ponto turístico popular e cerca de 30 pessoas estavam lá no momento do terremoto.



O epicentro do tremor se situou a uma profundidade de 8 km e a 17 km a oeste de Christchurch. As sirenes dos serviços de emergência ressoaram nas ruas da cidade, e pelo menos um prédio teve de ser evacuado, segundo a imprensa local.

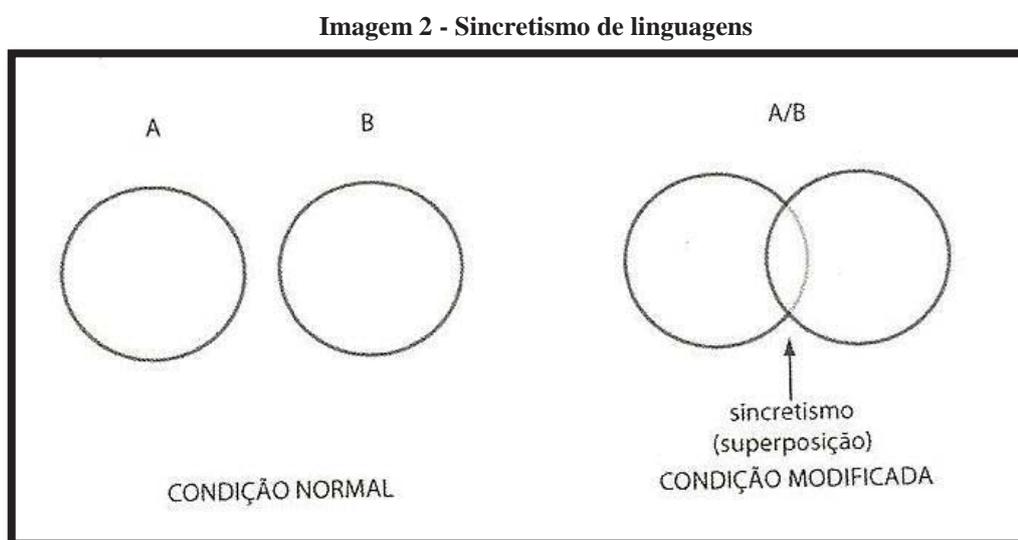
Junto a outros países do Pacífico, a Nova Zelândia é sacudida com certa regularidade por movimentos sísmicos. A ilha do Sul do país sofreu em fevereiro de 2011 um devastador terremoto de intensidade 6,3 que matou cerca de 200 pessoas.

Fonte: G1 (2015).

As reportagens pertencem aos gêneros secundários do discurso, pois circulam pela sociedade e se destinam a outras interações, não somente às familiares ou entre pessoas próximas. Além disso, as reportagens *on-line* caracterizam-se, em sua grande maioria, por mais de uma linguagem. Na reportagem acima, por exemplo, aparecem texto verbal, fotografia e vídeo composto por imagens, som e recursos verbais escritos. Essa composição a partir de múltiplas linguagens é própria do que chamamos textos sincréticos, ou seja, aqueles em que várias linguagens se manifestam e convergem para a construção do sentido. Greimas e Courtés (2013, p. 467) assim define sincretismo

[...] serão consideradas como sincréticas as semióticas que – como a ópera ou o cinema – acionam várias linguagens de manifestação; da mesma forma, a comunicação verbal não é somente de tipo linguístico: inclui igualmente elementos paralinguísticos (como a gestualidade ou a proxêmica), sociolinguísticos, etc.

Nesse sentido, todas as informações num texto são importantes, não apenas o que está escrito no corpo do texto. Para visualizar melhor a definição de sincretismo, apresentamos a imagem 2, conforme Carmo Jr. (2009, p. 171).



Fonte: Carmo Júnior (2009).

O autor explica, através da imagem 2, que no primeiro caso temos um enunciado verbal (A) e uma imagem (B) separados, ou seja, cada um desses textos apresenta um significado único, este não precisa daquele para apresentar sentido. Ao contrário disso, no segundo caso, são apresentados um enunciado verbal e uma imagem interligadas (A/B), por tratarem do mesmo assunto formam um texto, isto é, um todo de sentido. Sozinhos esses enunciados já não possuem sentido, visto que a imagem complementa o enunciado verbal e vice versa. Podemos exemplificar isso através da notícia de um temporal. A imagem mostra os prejuízos ocasionados pela situação, mas o enunciado verbal complementa a notícia revelando o local em que o fato aconteceu, quantas famílias ficaram prejudicadas, se houve queda de luz, entre outros detalhes que não podem ser revelados através da imagem. No entanto, isso não quer dizer que uma imagem não pode representar mais do que o verbal. Em certos casos, as fotografias conseguem transmitir sentimentos ou informações que seriam

impossíveis transcrever em simples palavras. A esse respeito, Gomes (2009, p. 216) explica que

no jornal, o recurso de sincretizar diversas linguagens chega a ser mesmo uma necessidade, uma maneira de o sujeito da enunciação colocar em ação não só o permitido e o obrigatório, a verdade construída segundo a fôrma do aceitável, mas também o indizível (ou por ser proibido ou por ser ainda inominável), no entanto já visível e experimentado. Constrói-se, assim, ao lado do dizer sério e controlados pelas injunções do gênero e dos limites ideológicos, de modo sorrateiro ou sugestivo, o implícito, o humorístico, o sensível, a emoção inefável.

Dessa forma, não se pode presumir que num texto sincrético diferentes linguagens apenas reiterem conteúdos já expressos por outras. O conteúdo exposto por “A” muitas vezes acrescenta novas possibilidades de compreensão ao que foi dito em “B”. Assim, a construção do sentido será resultante de *AB*, e não de enunciados significando isoladamente. Teixeira (2004) explica que a função de um discurso *pluricódigo*⁵ seria, inicialmente, a redundância, mas não no sentido de repetição, e sim no sentido de adensamento de conteúdos. Segundo a autora, as relações entre as linguagens podem ser contratuais ou polêmicas. Crestani (2010) esclarece que são denominadas contratuais quando as várias linguagens convergem no intuito de reforçar um mesmo ponto de vista. São polêmicas quando a manifestação de uma das linguagens contradiz o ponto de vista apresentado por outra, isso pode ser exemplificado quando, numa notícia, aparece o texto verbal defendendo um ponto de vista e uma foto que a ele se opõe.

Ainda sobre o sincretismo característico das reportagens, Gomes (2005, p. 103) explica que

uma leitura mais atenta do texto jornalístico nos faz concluir que, na constituição dos textos, as linguagens visual e verbal se integram num todo de sentido. Não se trata, portanto, de um texto verbal, de um lado, e um texto visual, de outro, mas as distinções no modo de manifestação dos conteúdos não resistem a um exame mais acurado da estruturação do conteúdo do texto como uma totalidade. Formando, aparentemente, unidades autônomas, fotografia, desenhos, gráficos e relato verbal da notícia são partes de um todo que só significa pelas relações particulares que as diferentes linguagens estabelecem entre si.

Salientamos, então, que as linguagens não verbais não servem apenas para reafirmar conteúdos expressos pelo verbal. Toda linguagem é dotada de significação e, ao ser aliada a

⁵Discurso *pluricódigo* são textos que apresentam mais de uma semiose, ou seja, são compostos por duas ou mais linguagens.

outras formas de linguagem, criam-se novos efeitos de sentidos que constroem um sentido global daquele texto. Em uma notícia, a fotografia não está presente apenas para repetir o que já foi mencionado pelo relato, “a imagem traz consigo elementos de significação não contemplados pelo texto escrito, assim como desperta o leitor para ‘informações’ da ordem do indizível, do sensível, do passional” (CRESTANI, 2010, p. 89).

O jornalismo *on-line* informa o leitor sobre diferentes acontecimentos a partir de textos verbais escritos, de fotografias, áudios, vídeos e infográficos animados, hipertextos que permitem o acesso a outras notícias através dos *links*. Assim, mais linguagens entram na construção desses textos sincréticos, produzindo efeitos de sentido mais contundentes. Por exemplo, se no jornal impresso costuma aparecer uma única foto acompanhando o relato, no *on-line* é possível acrescentar um maior número de imagens, oportunizando ao leitor maiores detalhamentos visuais da notícia.

Outro diferencial do texto jornalístico *on-line* são os vídeos. Enquanto as fotografias permitem imagens congeladas de uma fração de segundos, os vídeos possibilitam a apresentação de uma sucessão de imagens com impressão de movimento em tempo real, aproximando, de certa forma, o leitor da notícia. Além desses recursos, é possível encontrar nos textos jornalísticos áudios e infográficos⁶ animados. Enfim, os textos jornalísticos materializados no suporte *on-line* possuem vantagens de comunicação e arrebatamento da atenção do leitor por conta da maior possibilidade de utilização do sincretismo de linguagens.

Neste capítulo, atentamos para o que são os gêneros do discurso, como eles se organizam e para que servem, além de elencar particularidades a respeito das reportagens. Conceituamos também o sincretismo de linguagens, recurso comumente constitutivo do gênero objeto de estudo. No capítulo seguinte, abordaremos a Teoria Semiótica Greimasiana, que será o suporte teórico para a análise do *corpus* de estudo.

⁶ Encontramos esses recursos nas notícias, mas não nos deteremos na explicação porque eles não aparecem em nosso *corpus*.

3 A TEORIA SEMIÓTICA E O PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO

Neste capítulo, descreveremos os pressupostos teóricos da Teoria Semiótica Discursiva de linha francesa, já que com base nela analisaremos os mecanismos enunciativos utilizados no texto para a persuasão do leitor. Daremos ênfase ao percurso gerativo de sentido, em especial, ao nível discursivo, porque ele é o mais próximo da superfície do texto, no qual se encontram as escolhas do enunciador para persuadir o enunciatário.

3.1 TEORIA SEMIÓTICA: REFLEXÕES HISTÓRICAS E CONCEPÇÕES FUNDAMENTAIS

A Teoria Semiótica tem como fundador Algirdas Julien Greimas. De acordo com Barros (2012b), no Brasil, a teoria foi introduzida nos anos 60, em São Paulo, por linguistas e estudiosos da literatura que leram a *Sémantique Structurale* e acreditaram ter encontrado o caminho para análise dos sentidos nos textos. Faziam parte desse grupo de estudiosos Ignácio Assis Silva, Eduardo Peñuela Cañizal, Edward Lopes, Alceu Dias Lima e Tieko Yamaguchi Miyazaki. Eles foram os responsáveis pela vinda de Greimas ao Brasil no ano de 1973 para ministrar um curso de semiótica narrativa. O grupo de pesquisadores publicou textos desse curso e deu início ao processo de formação de semioticistas no Brasil e de institucionalização da semiótica discursiva nos cursos de Letras. Nessa época, José Luiz Fiorin e Diana Luz Pessoa de Barros já faziam parte do grupo de semioticistas brasileiros. Na atualidade, tais autores são os principais difusores da teoria no Brasil.

Mas do que trata, afinal, a Teoria Semiótica Discursiva⁷? Essa teoria define-se como “estudo do significado” ou “teoria da significação”. Esse conceito, no entanto, é genérico e não determina qual unidade linguística será estudada. Barros (2005, p. 11) explicita que a teoria “tem por objeto o texto, ou melhor, procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz”.

A Teoria Semiótica do Texto concebe que o sentido de um texto se constrói a partir de engendramentos de elementos pertencentes a diferentes patamares de concretização do dizer. Portanto, concebe-se como texto toda e qualquer forma de expressão da linguagem,

⁷ Também conhecida como Teoria Semiótica do Texto.

sendo ela de forma escrita, oral ou visual. Por isso, a Teoria Semiótica procura explicitar o que o texto diz e quais são as estratégias que ele utiliza para dizer o que disse.

A Semiótica postula que um texto nasce da união entre um plano de conteúdo (o enredo, o discurso) e um plano de expressão (aquilo que materializa o conteúdo). Um mesmo plano de conteúdo pode ser representado por diferentes planos de expressão. Tomemos como exemplo uma notícia. Ela terá um plano de conteúdo (o que será dito) que poderá se manifestar em diferentes planos de expressão: em jornais e em revistas as notícias são expressas pela linguagem verbal escrita; já na rádio, o plano de expressão é a linguagem oral; na televisão, a notícia pode ser expressa por meio de manifestação oral, escrita e visual (imagens, infográficos, gestualidade, etc.).

Fiorin (2014, p. 16, grifo do autor) ao tomar o texto como unidade de análise, descreve que uma teoria semântica do texto deve ser:

- a) Gerativa, ou seja, deve estabelecer modelos que apreendam os níveis de invariância crescente do sentido de tal forma que se perceba que diferentes elementos do nível de superfície podem significar a mesma coisa num nível mais profundo (por exemplo, a aprovação no vestibular e a Arca da Aliança, no filme *Os caçadores da arca perdida*, significam a mesma coisa num nível mais profundo, *poder fazer*: no primeiro caso, poder fazer um curso superior; no segundo, poder vencer os inimigos);
- b) Sintagmática, isto é, deve explicar não as unidades lexicais que entram na feitura das frases, mas a produção e a interpretação do discurso;
- c) Geral, ou seja, deve ter como postulado a unicidade do sentido, que pode ser manifestado por diferentes planos de expressão (por um de cada vez ou por vários deles ao mesmo tempo: por exemplo, o conteúdo /negação/ pode ser manifestado por um plano de expressão verbal “não” ou por um gesto como “repetidos movimentos horizontais da cabeça”; o conteúdo de uma telenovela é manifestado, ao mesmo tempo, por um plano de expressão verbal, por um visual, etc.).

A Teoria Semiótica é uma das teorias que atende a esses critérios. É gerativa porque concebe que os sentidos de um texto se erigem na forma de um percurso que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, implicando três patamares de construção do sentido: nível fundamental, nível narrativo e nível discursivo. É sintagmática porque compreende o texto como um todo de sentido, não como um grande amontoado de frases. Assim, tanto a estrutura mais profunda quanto a intermediária e a de superfície são essenciais para a compreensão do texto, como um todo constituído de sentido, ou seja, um nível sempre vai precisar do outro para significar. A significação se dá no engendramento, na construção das relações entre elementos desses níveis. A teoria também é geral, pois compreende que um mesmo conteúdo pode ser veiculado em diferentes planos de expressão— o conteúdo da Hora

da Estrela de Clarice Lispector, por exemplo, pode ser manifestado em forma de livro, de filme, de peça teatral—, bem como englobar diferentes linguagens (verbal e não verbal) manifestas num mesmo plano de expressão, formando então os textos sincréticos, que decorrem da união do verbal e do não verbal na construção dos sentidos. Vale ressaltar, portanto, que a Teoria Semiótica contempla o estudo de textos em geral, sejam eles verbais, não verbais ou sincréticos.

Considerando que a semiótica do texto atende a esses três critérios, abordaremos na próxima seção, os sentidos de um texto, os quais se constroem a partir de um Percorso Gerativo de Sentido.

3.2 PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO

O Percorso Gerativo de Sentido explica como se engendram e constroem os sentidos do texto. Para explicar esses sentidos, parte-se das estruturas mais abstratas às mais concretas. De acordo com Barros (2005, p. 13), a noção de percurso gerativo de sentido é fundamental para a Teoria Semiótica, portanto pode ser resumida da seguinte forma:

- a) o percurso gerativo do sentido vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto;
- b) são estabelecidas três etapas no percurso, podendo cada uma delas ser descrita e explicada por uma gramática autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis;
- c) a primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima;
- d) no segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito;
- e) o terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação.

Sendo assim, o percurso gerativo de sentido é concebido como um caminho para compreender a estruturação do texto e dele extrair o que há de mais importante: o sentido. São objetos de estudo da Semiótica as formas e estratégias utilizadas para dizer o que o texto diz, os efeitos de sentido projetados pelas escolhas discursivas, os sujeitos e suas ações no texto, as transformações por eles operadas, os valores que buscam, etc. Para compreender o sentido do texto, o leitor faz um percurso inverso ao do autor do texto. O autor parte do nível fundamental, o mais abstrato, em direção ao nível discursivo, mais concreto. O leitor, por sua vez, precisa partir do nível discursivo, manifesto na materialidade do texto, e ir em direção do nível fundamental para compreender o que subjaz nessa estrutura, que é a mais abstrata do

discurso. Assim, o percurso gerativo é um simulacro metodológico que busca explicar como se constroem os sentidos do texto, seja sob a perspectiva do autor, seja sob a do leitor. Conforme especificado, o percurso gerativo de sentido é composto por três níveis: fundamental, narrativo e discursivo. Discorremos sobre eles a seguir.

3.2.1 Nível fundamental

O nível fundamental é definido como o nível mais abstrato do Percurso Gerativo de Sentido. A estrutura semântica deste nível comporta dois termos opostos pertencentes ao mesmo eixo semântico, ou seja, a categoria semântica de base desse nível sempre será apresentada por uma oposição, por exemplo, liberdade *versus* submissão. Um desses termos opostos será valorado positivamente, eufórico, e o outro, negativamente, disfórico. Essa valorização sempre será dada através do texto. Fiorin (2014, p. 23) assim explica:

cada um dos elementos da categoria semântica de base de um texto recebe a qualificação semântica /euforia/ versus /disforia/. O termo ao qual foi aplicada a marca /euforia/ é considerado um valor positivo; aquele a que foi dada a qualificação /disforia/ é visto como um valor negativo. [...] Euforia e disforia não são valores determinados pelo sistema axiológico do leitor, mas estão inscritos no texto.

Para demonstrar esses conceitos, tomemos como exemplo um trecho que resume a ideia geral de uma reportagem *on-line* cuja manchete é “Alunas protestam contra a proibição do uso de *shorts* em escola de Porto Alegre⁸”:

Descontentes com uma norma da escola que proíbe uso de *shorts*, centenas de alunos do Colégio Anchieta, de Porto Alegre, se reuniram na manhã desta quarta-feira para protestar contra a medida. Munidas de cartazes e com as bochechas pintadas com listras pretas, as alunas usaram o recreio para entoar hinos criados em grupos do Facebook e do WhatsApp, com mais de 300 membros e também para fazer um minuto de silêncio.

⁸ A reportagem completa explica que alunas do 9º ano do Colégio Anchieta de Porto Alegre – RS, organizaram uma manifestação contra a proibição do uso de *shorts* em dias quentes. Enquanto a direção da escola alega que o uso de roupas curtas provoca a desconcentração dos meninos, as meninas defendem e exigem o respeito pelo que são e não pelo que vestem. A reportagem completa pode ser acessada através do link: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2016/02/alunas-protestam-contr-a-proibicao-do-uso-de-shorts-em-escola-de-porto-alegre-4982684.html#>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

Ao analisar o texto todo, percebe-se que o nível fundamental é composto da oposição liberdade (usar *shorts*) versus submissão (não usar *shorts*). As oposições do nível fundamental precisam sempre se relacionar ao mesmo eixo semântico. De acordo com Fiorin (2014, p. 23), “não opomos, por exemplo /sensibilidade/ a /horizontalidade/, pois esses elementos não têm nada em comum. Contrapomos, no entanto, /masculinidade/ a /feminilidade/, pois ambos se situam no domínio da /sexualidade/”.

No texto utilizado para exemplificar, defende-se a liberdade (uso do *shorts*). Nesse sentido, a liberdade, nesse texto, é tida como eufórica, porque nele se defende a liberdade de uso do *shorts*, já que o respeito deve ser dado pelos valores humanos e não pela roupa vestida. Como termo disfórico temos a submissão (não uso do *shorts*), já que as alunas não querem se submeter às diretrizes escolares que visam a proibir esse tipo de vestimenta. Nessas oposições, liberdade versus submissão, forma-se o nível fundamental.

Dessa maneira, em uma narrativa são apresentadas sequências discursivas de negação e de asserção/afirmação. Logo, o esquema de organização fundamental de um texto será sempre composto pela afirmação de um termo A, negação deste termo A e afirmação de um termo B, ou vice-versa. Retomando o exemplo acima, podemos dizer que esse texto assim se organiza, do ponto de vista fundamental: inicialmente houve a afirmação da submissão (B), quando as diretrizes escolares proíbem o uso do *shorts* na escola; num segundo momento, houve a negação da submissão (não-B), quando relata que as alunas estavam descontentes com a norma que proibia o uso de *shorts*; e, ao mesmo tempo, ao protestarem contra a norma, apresenta-se a afirmação da liberdade (A) de escolha quanto às vestimentas.

O nível fundamental, portanto, contempla as oposições semânticas de base e aponta o percurso de organização destas para afirmar um termo (eufórico) e contestar outro (disfórico). Passaremos agora ao nível narrativo.

3.2.2 Nível narrativo

O nível narrativo é um simulacro das ações do homem no mundo e dos homens sobre os outros homens. Esse nível comporta enunciados de estado e de fazer (estes indicam transformações), mostrando as transformações operadas pelos sujeitos ao longo do texto na busca pelos valores (objeto-valor) que desejam.

No nível narrativo, ocorre boa parte da concretização das estruturas do nível fundamental, já que é neste nível que os sujeitos assumem relação com o objeto-valor e atuam sobre ele. Como afirma Fiorin (2014, p. 29), “não se pode confundir sujeito com pessoa e

objeto com coisa. Sujeito e objeto são papéis narrativos que podem ser representados num nível mais superficial por coisas, pessoas ou animais”.

Greimas e Courtés (2013, p. 487) explicam que sujeito “remete a um ‘ser’, a um ‘princípio ativo’ suscetível não apenas de possuir qualidades, mas igualmente de efetuar atos”. Ou seja, o sujeito, para a Semiótica, é quem, ou aquilo que, no texto, vai em busca do que deseja. Esse sujeito, no nível narrativo, implica no aparecimento de um antissujeito “a quem ele tem de enfrentar” (GREIMAS; COURTÉS, 2013, p. 289). Na reportagem usada como exemplo, temos como sujeito as alunas que desejam a liberação do uso do *shorts* na escola. A direção da escola é considerada antissujeito, já que nega o uso de determinadas vestimentas. Assim, opõem-se valores disputados por esses dois sujeitos.

Fiorin (2014, p. 36-37) explica que

a semântica do nível narrativo ocupa-se dos valores inscritos nos objetos. Numa narrativa, aparecem dois tipos de objetos: objetos modais e objetos de valor. Os primeiros são os de querer, o dever, o saber e o poder fazer, são aqueles elementos cuja aquisição é necessária para realizar a performance principal. Os segundos são os objetos com que se entra em conjunção ou disjunção na performance principal.

Assim, o termo objeto-valor é definido por Greimas e Courtés (2013, p. 347) como o “lugar de investimento dos valores (ou das determinações) com as quais o sujeito está em conjunção ou disjunção”. Isto é, o objeto-valor é aquilo que o sujeito deseja.

Enquanto o objeto-valor é a concretização final de um desejo, o objeto modal é aquele necessário para se obter o objeto-valor. Fiorin (2014) exemplifica essas duas modalidades de objeto utilizando os exemplos do Tio Patinhas e de uma pessoa que deseja comprar uma casa. Em ambos os casos aparecem o mesmo objeto-concreto “dinheiro”. No caso do Tio Patinhas, o dinheiro é a manifestação do objeto-valor *riqueza*, já que este é o desejo último desse sujeito, que busca a conjunção com a riqueza. No segundo caso, o dinheiro representa o objeto-modal, já que o dinheiro representa a concretização do *poder comprar* a casa.

No texto do *shorts*, o objeto de desejo do sujeito representado pelas alunas do Colégio Anchieta é a liberdade de vestimenta. Quando o sujeito consegue o que deseja, dizemos que ele entra em conjunção com seu objeto-valor, ou seja, conseguiu o que desejava. Caso ele não consiga, fica em disjunção com seu objeto-valor, ou seja, fica privado dele. Se as alunas conseguissem a liberação para o uso do *shorts*, elas entrariam em conjunção com o seu

objeto-valor. É importante ressaltar que o objeto-valor pode ser qualquer coisa que o sujeito deseje ou necessite, por exemplo, felicidade, saúde, dinheiro, entre outros.

[...] o objeto não é apenas um conceito sintático, termo final de nossa relação com o mundo, mas também, e ao mesmo tempo, um dos termos do enunciado elementar que é um simulacro semiótico que representa, sob a forma de um espetáculo, essa relação com o mundo. [...] O reconhecimento de um valor permite, portanto, pressupor que o objeto é o local sintático de sua manifestação. Quando a enunciação produz um enunciado, ela faz surgir um valor que manifesta e determina um objeto, e isso independentemente do modo de lexicalização do próprio valor. (GREIMAS, 2014, p. 35).

Desse modo, o nível narrativo busca retratar condições humanas e entre elas estão perdas, frustrações, pois nem sempre o objeto-valor é obtido. Por retratar ações do homem no mundo, esse nível contempla enunciados de estado e de fazer. Conforme Fiorin (2014, p. 28), os enunciados de estado são aqueles que estabelecem relação de junção (disjunção ou conjunção) entre sujeito e objeto; já os enunciados de fazer são aqueles que mostram transformações ao longo da narrativa, ou seja, quando retratam mudanças de estado do sujeito em relação ao objeto de desejo (objeto-valor).

Nos enunciados de estado, o sujeito permanece no mesmo estado inicial, ou seja, ele não muda sua posição no decorrer da narrativa, sendo que esse estado pode ser de conjunção (posse) ou de disjunção (privação) com seu objeto-valor. Em contrapartida, os enunciados de fazer apresentam uma transformação ao longo da narrativa, visto que o sujeito muda sua posição porque entra em conjunção ou em disjunção com o seu objeto-valor. Por exemplo, se uma pessoa está bem de saúde e assim permanece até o final da narrativa, seu enunciado é de estado, já que não acontece mudança. Entretanto, se a pessoa está saudável e fica doente ao longo da narrativa, temos um enunciado de fazer, pois ocorreu uma transformação. Assim, essa pessoa iniciou em conjunção com a saúde e terminou em disjunção da saúde. O contrário também pode ocorrer.

Fiorin (2014) explica que os textos são narrativas complexas, sendo que uma série de enunciados de ser e de fazer estão organizados hierarquicamente. Assim, uma narrativa estrutura-se em quatro fases: a manipulação, a competência, a performance e a sanção. Vejamos cada uma dessas fases.

A manipulação, segundo Greimas e Courtés (2013, p. 300), “caracteriza-se como uma ação do homem sobre outros homens, visando a fazê-los executar um programa dado”. Por exemplo, quando um professor determina que o aluno escreva um artigo para publicação em determinada revista, ocorre uma manipulação e o aluno passa a ser um sujeito segundo o

dever, embora não necessariamente segundo o querer. Há vários tipos de manipulação, entre elas, quatro são as mais utilizadas:

Tentação – “Se você comer, ganha um refrigerante”;
 Intimidação – “Se você não comer, não vai assistir televisão”;
 Sedução – “Pus essa comida no seu prato, porque você é grande e é capaz de comer tudo”;
 Provocação – “Pus essa comida no seu prato, mas eu sei que, como você é pequeno, não consegue comer o que está aí”. (FIORIN, 2014, p. 30).

Na fase da competência, o sujeito que realiza alguma mudança na narrativa é dotado de um saber e/ou poder fazer, isto é, ele possui competência, pode e sabe o que deve fazer (GREIMAS; COURTÉS, 2013). Fiorin (2014) elucida que a competência, nos contos de fada, por exemplo, pode aparecer representada sob a forma de um objeto mágico que dá ao príncipe o poder de vencer o dragão. Esse objeto mágico pode ser figurativizado ora por um anel mágico, ora por uma espada mágica.

A performance “é a fase em que se dá a transformação (mudança de um estado a outro) central da narrativa. Libertar a princesa presa pelo dragão é a performance de muitos contos de fada” (FIORIN, 2014, p. 31). Na fase da sanção, ocorre a constatação de que a performance se realizou. Nesta fase do texto, o sujeito bom é reconhecido e recompensado de alguma forma, e o sujeito mau é julgado pelas maldades e então é punido (BARROS, 2005). Como exemplo, podemos citar a história Branca de Neve, no final a madrasta recebe a sanção negativa e o príncipe recebe a sanção positiva por ter salvado a vida da Branca de Neve.

Convém salientar que nem sempre as quatro fases serão descritas explicitamente nos textos, mas é importante que todas elas sejam pressupostas pelo leitor. Além disso, há textos que se concentram em apresentar uma das fases apenas, como é o caso dos artigos de opinião, que geralmente focam a sanção. Também nem sempre as fases se apresentam nessa ordem organizacional, a exemplo dos filmes que iniciam pelo desfecho (sanção) e, depois, vão traçando o desenrolar dos acontecimentos. Na sequência, discorreremos sobre o nível discursivo.

3.2.3 Nível discursivo

O nível discursivo concretiza as formas mais abstratas do percurso gerativo de sentido. Barros (2005) esclarece que as estruturas narrativas convertem-se em estruturas discursivas quando são assumidas por um sujeito da enunciação. No nível discursivo, o

sujeito faz suas escolhas de pessoa, tempo, espaço, temas, figuras, e transforma a narrativa em discurso. “O discurso nada mais é, portanto, que a narrativa ‘enriquecida’ por todas essas opções do sujeito da enunciação, que marcam os diferentes modos pelos quais a enunciação se relaciona com o discurso que enuncia” (BARROS, 2005, p. 53).

Para exemplificar a concretização das formas abstratas no nível discursivo, pensemos num discurso que, no nível fundamental, funda-se na oposição riqueza *versus* pobreza. No nível narrativo, esse discurso pode estabelecer-se da seguinte forma: há um sujeito que estava em conjunção com a riqueza e passou a estar em disjunção com ela. No nível discursivo, esse sujeito receberá um investimento figurativo (homem, mulher, empresa, etc.); a disjunção com a riqueza poderá ser representada pela quebra de uma empresa, pelo endividamento do sujeito, etc.; o trabalho duro pode ser tematizado como a forma de buscar novamente o objeto-valor riqueza e assim por diante. Ou seja, no nível discursivo, os elementos dos níveis fundamental e narrativo tomam concretude, manifestando-se por meio dos temas e figuras eleitos pelo enunciador.

Por ser o mais próximo da manifestação textual, é no nível discursivo que se concentram os estudos da enunciação. É nesse nível que se manifestam todas as escolhas enunciativas do sujeito produtor do texto, pois sabemos que nada se diz por acaso, ou seja, escolhemos o que queremos dizer e a forma como queremos dizer de acordo com a situação de interação. Assim, as estratégias argumentativas, as formas de enunciar, as linguagens que entram na construção do texto, os efeitos de sentido, são mecanismos enunciativos que se manifestam no nível discursivo. Por isso, é através do exame desse nível discursivo que poderemos explicar a complexidade dos discursos que lemos e ouvimos, bem como investigar as maneiras como o locutor se apresenta no discurso. Sendo assim, este é o nível que interessa em nosso trabalho, portanto voltaremos a falar dele e das escolhas enunciativas no capítulo que segue.

4 ENUNCIÇÃO E TEXTO VERBAL

Como mencionamos anteriormente, é no nível discursivo que se concentram os estudos da enunciação, uma vez que é neste nível que se manifestam as escolhas enunciativas do sujeito que enuncia. Neste capítulo, portanto, voltamo-nos aos estudos da enunciação na perspectiva da Semiótica Discursiva. Nele discorreremos, inicialmente, sobre o conceito de enunciação e enunciado, bem como sobre as relações entre enunciador e enunciatário, as quais se estabelecem a partir das escolhas enunciativas. Em seguida, abordaremos as categorias de pessoa, tempo e espaço e seus mecanismos de instauração no enunciado.

4.1 ENUNCIÇÃO, ENUNCIADO E RELAÇÕES ENTRE ENUNCIADOR E ENUNCIATÁRIO

A enunciação se realiza na e em função da interação. Conforme Bakhtin (2011), não há enunciação sem interação, assim, sempre produzimos nosso enunciado para alguém. O enunciado é o produto da enunciação, apresentado em forma de texto, falado ou escrito, e surge através de diferentes situações de interação. Nesse sentido, o sujeito da enunciação é constituído do EU (enunciador) e do TU (enunciatário) que interagem. Isso ocorre porque o enunciador, ao produzir seu discurso, sempre leva em conta “uma imagem” (mesmo que virtual) de seu enunciatário. Afinal, como explica Fiorin (2014), é muito diferente produzir um texto para uma criança, para um leigo ou para um especialista no assunto. A partir dessa imagem que faz do enunciatário, o enunciador elabora as estratégias enunciativas com vistas a persuadi-lo crer no discurso, pois todo ato de comunicação visa, no final das contas, a um ato de persuasão, a um fazer-fazer. Nas palavras de Fiorin (2014, p. 57),

como se produz um enunciado para comunicá-lo a alguém, o enunciador realiza um fazer persuasivo, isto é, procura fazer com que o enunciatário aceite o que ele diz, enquanto o enunciatário realiza um fazer interpretativo. Para exercer a persuasão, o enunciador utiliza-se de um conjunto de procedimentos argumentativos, que são parte constitutiva das relações entre o enunciador e o enunciatário.

Nesse sentido, quando falamos em enunciação, falamos, na verdade em *co-enunciação*, já que o enunciatário é participante ativo do processo de enunciar, na medida em que interfere diretamente nas escolhas enunciativas do produtor do texto. Ou seja, o conceito de *co-enunciação* deve-se ao fato de que, ao enunciar, o enunciador leva em conta as expectativas e anseios do seu ouvinte/leitor para elaborar o seu discurso, já que, através do seu enunciado, procura persuadir o enunciatário. Nesse sentido, ninguém enuncia sozinho. Na interlocução, “há sempre um sujeito destinador e um sujeito destinatário que, juntos, constroem o enunciado, o EU é determinado pelo TU, por isso se diz CO-ENUNCIACÃO” (CRESTANI, 2010, grifo do autor).

A enunciação, retomamos, decorre da interação entre sujeitos. Segundo Barros (2012a), dependendo das escolhas enunciativas, estabelecem-se três diferentes formas de interação entre enunciador e enunciatário: de ordem racional ou inteligível; de ordem sensorial; de ordem emocional ou afetiva.

Barros (2012a) explica que a interação racional ou inteligível é marcada pelo uso de estratégias enunciativas que produzem efeitos de objetividade e de distanciamento entre enunciador e enunciatário. A interação sensorial visa à construção de efeitos de subjetividade enquanto aproximação sensorial ou corporal. O terceiro tipo, a interação afetiva ou passional, busca o estabelecimento de efeitos de subjetividade afetiva. Nesse último caso, são utilizados mecanismos que projetam efeitos de sentido de aproximação, de confiança, de cumplicidade entre os sujeitos que interagem. Essas relações podem ser apreendidas pelas marcas enunciativas que se projetam nos enunciados.

4.2 INSTÂNCIAS ENUNCIATIVAS

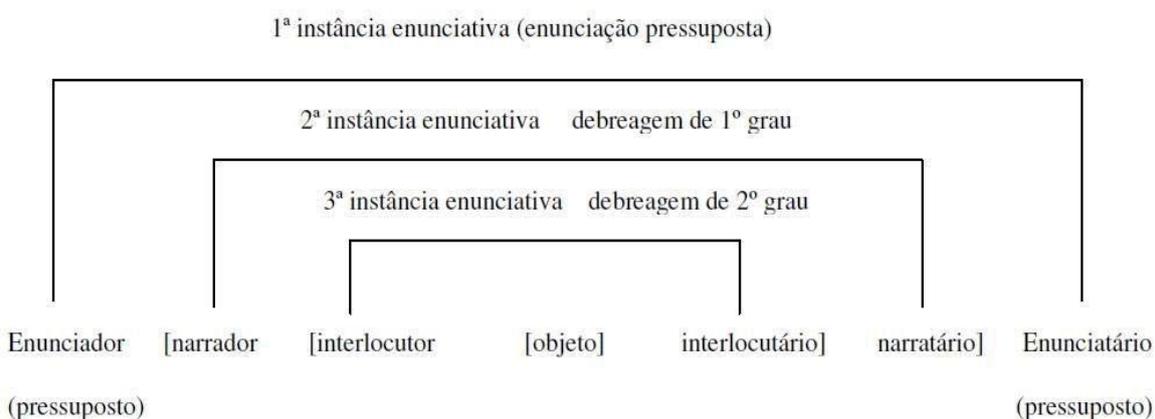
O enunciado é concebido pela existência de três instâncias enunciativas, sendo elas formadas por pares, assim: enunciador e enunciatário, narrador e narratário, interlocutor e interlocutário. Sobre isso, Fiorin (2014, p. 56, grifo do autor) esclarece que

como a cada *eu* corresponde um *tu*, há um *tu* pressuposto, o enunciatário, e um *tu* projetado no interior do enunciado, o narratário. Além disso, o narrador pode dar a palavra a personagens que falam em discurso direto, instaurando-se então como *eu* e estabelecendo aqueles que falam como *tu*. Nesse nível, temos o interlocutor e o interlocutário.

Seguindo esse raciocínio, numa notícia de jornal, o enunciador é constituído por toda a equipe do jornal, por todos aqueles que, de uma forma ou outra, intervêm na produção da notícia ou permitem sua circulação. Esse enunciador delega voz para um repórter, que passa a ser o narrador responsável pelo enunciado. Nesse caso, tanto enunciador quanto narrador enunciam para o mesmo enunciatário/narratário, o leitor. Diversas são as ocasiões em que o narrador delega voz para um interlocutor. Nas notícias jornalísticas, essas situações configuram-se por meio do discurso direto.

O mecanismo de delegação de voz em discurso direto projeta no texto efeitos de realidade, de verdade, e, ao mesmo tempo, de aproximação entre produtores e receptores do texto. Isso ocorre porque o discurso direto pode trazer apreciações, pontos de vista, projetar emoções que não poderiam ser ditas na instância do narrador. Assim, não raro se estabelecem, por meio dessa delegação de voz em discurso direto, laços de uma interação mais próxima com o leitor, mais subjetiva e passional. As marcas usadas nos discursos diretos, a partir da delegação de vozes, exercem influência para determinar as relações entre os sujeitos, uma vez que nesses discursos os interlocutores expressam seus sentimentos e opiniões através de determinadas escolhas enunciativas. Logo, num texto, são os interlocutores que ganham voz, como os entrevistados que contam sobre um fato. Por conta disso, criam-se efeitos de verdade e realidade. Esquemmatizando, temos a imagem 3:

Imagem 3 - Instâncias enunciativas



Fonte: Fiorin (2016).

Conforme podemos observar, a primeira instância, do enunciador-enunciatário está pressuposta, isso porque sempre há um EU que enuncia, mesmo que este EU não apareça de

forma explícita no enunciado. Denominam-se debreagens internas (de 1º e 2º grau) os mecanismos responsáveis pela delegação/projeção de vozes no enunciado. Assim, uma debreagem interna de primeiro grau acontece quando o enunciador delega voz ao narrador. No caso de um jornal, por exemplo, o narrador será o jornalista ou repórter que assina a matéria. A debreagem interna de segundo grau ocorre quando o narrador, no caso, o jornalista ou repórter, delega voz aos interlocutores, que se manifestarão através dos depoimentos em discurso direto. Barros (2005, p. 58) complementa que “quando, no interior do texto, cede-se a palavra aos interlocutores, em discurso direto, constrói-se uma cena que serve de referente ao texto, cria-se a ilusão de situação ‘real’ de diálogo”.

Podemos exemplificar a debreagem interna através do seguinte exemplo:

"Fizemos revista minuciosa", diz proprietário de bar onde homem foi morto em Porto

Alegre

Tiros foram disparados na madrugada deste domingo no Bar Preto Zé, no bairro Cidade Baixa, causando pânico.

Por: Juliana Bublitz

Zero Hora 05/06/2016 - 16h40min

Identificamos, no trecho acima, que o enunciador pressuposto é a equipe editorial do Jornal Zero Hora. O narrador instaurado configura-se como sendo a jornalista Juliana Bublitz. O narrador, então, delega voz ao interlocutor, proprietário do bar, que assume o texto em discurso direto. A debreagem interna de 1º grau ocorre no momento em que o enunciador, Jornal Zero Hora, confere voz à jornalista. A debreagem interna de 2º grau acontece quando essa jornalista delega voz ao proprietário do bar (3ª instância, enunciativa), que assume o texto em discurso direto.

Explanadas as três instâncias enunciativas possíveis de conceber num texto, bem como a delegação de vozes entre os sujeitos que as constituem, passamos, na sequência, a especificar e abordar as categorias da enunciação.

4.3 CATEGORIAS DA ENUNCIÇÃO

As categorias da enunciação são propostas por Benveniste (1958/2005) porque é na e pela linguagem que EU se diz EU, assim, o tempo e o espaço se organizam a partir desse EU. A enunciação, portanto, possui três categorias: a PESSOA, o TEMPO e o ESPAÇO. A partir

disso, a teoria semiótica discursiva trabalha com essas categorias numa perspectiva diferente, explicando que cada uma delas pode ser concebida como enunciativa ou enunciva, dependendo da forma como se projetam no enunciado.

É importante lembrar que quem enuncia é sempre um eu que, ao dizer eu, instaura um tu, e ambos constituem o sujeito da enunciação. O eu se enuncia sempre no espaço do aqui e no tempo do agora. Por isso, segundo Fiorin (2003, p. 163), “todo espaço e todo tempo organizam-se em torno do ‘sujeito’, tomado como ponto de referência. Assim, espaço e tempo estão na dependência do *eu*, que neles se enuncia”. É, portanto, a partir do EU que se organizam todas as relações espaciais e temporais de um enunciado.

Apresentaremos, a seguir, uma síntese das projeções de pessoa, tempo e espaço nos enunciados. Por ser o que nos interessa neste trabalho, nos deteremos mais nos estudos da categoria de pessoa. O tempo e o espaço serão abordados de forma mais sucinta⁹.

4.3.1. A pessoa

De acordo com Fiorin (2016), é a situação de enunciação que esclarece quem é pessoa e quem é não pessoa, pois é ela quem determina quem são os participantes do ato enunciativo e quem não participa dele. Nesse sentido, obtemos as pessoas enunciativas, que são aquelas que participam da enunciação, ou seja, o EU e o TU. Em oposição a essas pessoas, se apresenta a pessoa enunciva que é aquela que pertence ao domínio do enunciado, o ele.

Todo discurso será realizado por um EU e por um TU, que falam sobre um ELE. O ELE jamais participará da enunciação, porque a partir do momento em que ELE toma a palavra, não é mais um ELE, mas passa a ser um EU, que instaura um TU. É na situação de enunciação que são especificados quem é pessoa e quem não o é, assim seguem os significados:

Eu: quem fala, *eu* é quem diz *eu*;

Tu: aquele com quem se fala, aquele a quem o *eu* diz *tu*, que por esse fato se torna o interlocutário;

Ele: substituto pronominal de um grupo nominal, de que tira a referência; participante do enunciado; aquele de que *eu* e *tu* falam;

Nós: não é a multiplicação de objetos idênticos, mas a junção de um *eu* com um *não eu*; há três *nós*: um *nós* inclusivo, em que ao *eu* se acrescenta um *tu* (singular ou plural); um *nós* exclusivo, em que ao *eu* se juntam *ele* ou *eles* (nesse caso, o texto

⁹ A obra “As Astúcias da Enunciação” de José Luiz Fiorin, aborda de maneira detalhada sobre as categorias de tempo e espaço.

deve estabelecer que sintagma nominal o *ele* presente no *nós* substitui) e um *nós* misto, em que ao *eu* se acrescentam *tu* (singular ou plural) e *ele(s)*.
Vós: há o *vós* plural de *tu* (dêitico) e o *vós* em que ao *tu* se juntam *ele* ou *eles*;
Eles: pluralização de *ele*. (FIORIN, 2003, p.165).

Seguindo essa explicação, compreendemos que ELE/ELES é enuncivo porque não participa da enunciação, ELE não alterna com o EU que fala, pois ao falar instaura-se um EU. ELE/ELES não participam da enunciação, é apenas mencionado, é o assunto, ou seja, do quê ou de quem se fala, é não-pessoa. As demais pessoas pronominais são todas enunciativas porque sempre englobam o EU (enunciador) ou o TU (enunciatário), por exemplo: NÓS sempre inclui o falante, (EU); VÓS sempre inclui o ouvinte (TU).

Para exemplificar a categoria de pessoa, utilizamos trechos de uma notícia¹⁰:

“**Eu**, a mãe, **a gente** chora quando vê o vídeo. O pai dela não aguenta falar que chora muito. **Nosso** sentimento é de tristeza, de indignação, **estamos** estarecidos de ver até que ponto chega a maldade humana, né. A família está, assim, sem palavras, consternada”, desabafou a avó da garota.”

No trecho acima, percebemos a utilização da 1ª pessoa do singular através do pronome “eu”. Identificamos também o uso da 1ª pessoa do plural, apresentado pelo “a gente”, que é a forma coloquial de substituição do nós. O pronome “nosso” e o verbo “estamos” também remetem à utilização da 1ª pessoa do plural. Temos então, nesse trecho, o emprego da categoria de pessoa enunciativa.

Observamos, em contrapartida, o trecho que segue:

“Nesta quinta-feira (26) **a adolescente** foi ao médico e **tomou** um coquetel para evitar doenças sexualmente transmissíveis. A Secretaria Municipal de Saúde disse que **ela** vai ter acompanhamento psicológico”.

Esse trecho, em oposição ao anterior, fala de um ELE, nesse caso, a adolescente que sofreu abuso sexual. A não-pessoa é apresentada nesse texto através da expressão “a adolescente” (ela), pelo verbo “tomou” (ela) e pelo pronome “ela”. Portanto, nesse trecho

¹⁰ A notícia aqui utilizada remete ao caso de uma jovem que foi vítima de um estupro coletivo. A notícia pode ser lida na íntegra através do link: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/nao-doi-o-utero-e-sim-alma-diz-menina-vitima-de-estupro-coletivo.html>>. Acesso em 27 maio 2016.

temos um caso de pessoa enunciva, já que “ela” é o assunto e não participa do ato comunicativo.

Por meio desses exemplos, também é possível perceber proximidade e distanciamento entre o narrador e narratário. Sobre isso, Fiorin (2003) argumenta que o uso da primeira pessoa cria efeito de sentido de “subjetividade”, enquanto a utilização da não-pessoa produz efeito de sentido de “objetividade”.

4.3.2 O tempo

O tempo linguístico é diferente do tempo físico (manhã, tarde, noite) e do tempo cronológico (horas, dias, etc.), pois se relaciona ao exercício da fala. Fiorin (2003, p. 166), explica que “quando o falante toma a palavra, instaura um *agora*, momento da enunciação. Em contraposição ao *agora*, cria-se um *então*. Esse *agora* é, pois, o fundamento das oposições temporais da língua” e complementa que o tempo pode ser enuncivo ou enunciativo. São enunciativos os tempos que tomam como referência o agora da enunciação. São enuncivos os tempos que não se projetam tendo como referência o momento presente, o agora da enunciação, mas um marco linguístico inscrito no enunciado.

Ex.: Amanhã iremos a Passo Fundo. (Tempo enunciativo porque o amanhã marca futuro em virtude do momento presente).

No dia 28 de outubro aconteceu a festa de Halloween na escola de idiomas. (Tempo enuncivo porque a data está marcada no enunciado).

Os advérbios e as locuções adverbiais também marcam tempo, e, por isso, encaixam-se na categoria de tempo. Eles também se articulam em sistema enunciativo e enuncivo. São enunciativos quando se articulam em relação ao tempo da enunciação. São **enuncivos** os advérbios e as locuções adverbiais que se articulam em relação a um marco temporal já instaurado no enunciado.

Ex.: Amanhã estarei em casa. (Enunciativo).

Passei os últimos meses estudando. Durante esse tempo, quase não saí de casa. (Enuncivo).

4.3.3 O espaço

O espaço linguístico “não é o espaço físico, analisado a partir de categorias geométricas, mas aquele onde se desenrola a cena enunciativa” (FIORIN, 2003, p. 174). O espaço linguístico é articulado em função do sujeito da enunciação (EU). Da mesma forma com que se organizam as categorias de pessoa e tempo, o espaço também se divide em enunciativo e enuncivo.

Nesse sentido, são enunciativas as referências espaciais que definem o espaço em que ocorre a enunciação, ou que se definem em relação a este, como por exemplo, aqui, aí, lá.

Exemplificando:

Aqui tenho uma vida tranquila. (designa o local do eu).

Estou indo aí, preciso muito falar com você. (Aí é o lugar onde está o tu, e se opõe ao aqui, local onde está o eu).

São enuncivos os espaços aí, ali, lá, naquele lugar, etc., quando retomarem um local inscrito no enunciado, através da função anafórica. Por exemplo:

Gosto muito de Florianópolis. Tive momentos muito felizes naquela cidade e sempre que posso, é pra lá que viajo.

Estudei no Colégio Tiradentes. Minha primeira experiência como professora titular foi naquela escola, tenho boas recordações de lá.

4.4 MECANISMOS DE INSTAURAÇÃO DAS CATEGORIAS DA ENUNCIÇÃO E OS EFEITOS DE SENTIDO

Toda enunciação será constituída por mecanismos de instauração de pessoa, tempo e espaço. Esses mecanismos podem ser apresentados no enunciado de duas formas: a debreagem¹¹ e a embreagem.

4.4.1 A debreagem

O conceito de debreagem é definido por Greimas e Courtés (2013, p. 111) como a “operação pela qual a instância da enunciação disjunge e projeta fora de si, no ato de linguagem e com vistas à manifestação, certos termos ligados à sua estrutura de base, para assim constituir os elementos que servem de fundação ao enunciado-discurso”. A debreagem

¹¹Estudamos anteriormente as debreagens internas, que são assim chamadas para marcar a delegação de vozes no enunciado. A partir deste momento, estudaremos outro tipo de debreagem.

consiste em projetar no enunciado as categorias da enunciação (eu/tu, aqui, agora). Por isso, a debreagem pode ser actancial (de pessoa), temporal e espacial.

Há dois tipos de debreagem: a enunciativa e a enunciva. Fiorin (2003) esclarece que em situações em que ocorre a debreagem enunciativa, aparecem marcados no enunciado o *eu/tu*, os tempos do sistema enunciativo e os espaços enunciativos. Já, no segundo caso, da debreagem enunciva, *eu/tu* não aparecem no enunciado, ocorrendo somente a presença do ele (não-pessoa), a narrativa estabelece um não-aqui e não-agora, referindo-se, portanto, a espaços e tempos que não se organizam em relação ao espaço (aqui) e ao tempo (agora) da enunciação.

Vejamos os exemplos¹² abaixo:

“Eu não quero morar mais aqui”.

“A menina, traumatizada, só pensa em ir embora do lugar onde mora.”

Encontramos, no primeiro exemplo, debreagens enunciativas em que aparecem marcados no enunciado a pessoa (*eu*) e o espaço (*aqui*) da enunciação e o tempo (agora) marcado na forma verbal “quero”. O mesmo não ocorre no segundo exemplo. As marcas da enunciação são apagadas, aparecem no texto “a menina” (*ela*), que é uma *não-pessoa*, ou seja, de quem se fala e o espaço é marcado por “lugar onde mora”, que não é o aqui do enunciativo, portanto constitui um lá. Assim, no segundo exemplo, temos debreagens enuncivas de pessoa e de lugar.

Passemos a descrever e exemplificar as debreagens actancial, temporal e espacial e os efeitos de sentido que tais mecanismos projetam no texto.

4.4.2 Debreagem actancial

A debreagem actancial refere-se à pessoa e pode ser enunciativa ou enunciva. A debreagem actancial será enunciativa quando a marca de pessoa enunciativa (*eu/tu/nós/vós*) aparecer explicitamente no enunciado, por exemplo:

Ex.: Eu acho que vai chover. / Acho que vai chover

¹²Os exemplos foram retirados da notícia “Mulheres são presas por torturar, filmar e arrastar menor nua em SP”. A notícia pode ser lida na íntegra através do link: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/05/mulheres-sao-presas-por-torturar-filmar-e-arrastar-menor-nua-em-sp.html>>. Acesso em: 29 maio 2016.

A *debreagem actancial* será enunciativa, quando não marcar explicitamente o eu/tu no enunciado.

Ex.: Vai chover.

As *debreagens*, tanto as enunciativas, quanto as enuncivas, criam efeitos de sentido no discurso. Conforme Barros (2005), o sujeito da enunciação é quem faz determinadas escolhas para projetar em seu discurso os efeitos de sentido que deseja produzir. Nesse sentido, partimos do princípio de que

todo discurso procura persuadir seu destinatário de que é *verdadeiro* (ou falso), os mecanismos discursivos têm, em última análise, por finalidade criar a ilusão de verdade. Há dois efeitos básicos produzidos pelos discursos com a finalidade de convencerem de sua verdade, são o de *proximidade* ou *distanciamento* da enunciação e o de *realidade* ou *referente*. (BARROS, 2005, p. 54, grifo do autor).

O efeito de proximidade ou distanciamento diz respeito às *debreagens actanciais*, ou seja, às *debreagens de pessoa*. A *debreagem actancial enunciativa*, que não explicita a pessoa no enunciado, provoca o efeito de sentido de objetividade, de imparcialidade. Por isso, alguns recursos permitem fabricar ilusão de distanciamento. O principal recurso para criar esse efeito de sentido é produzir o enunciado em terceira pessoa. Observemos¹³:

“A presidente afastada Dilma Rousseff foi recebida nesta quinta-feira (9) com protestos durante uma visita às obras do Centro Nacional da Pesquisa em Energia e Materiais (CNPEM), em Campinas. A petista permaneceu por cerca de uma hora no local, vistoriando as obras de um acelerador de partículas que estão sendo financiadas por recursos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).”

O exemplo acima mostra a utilização da terceira pessoa para criar efeito de objetividade. Através da terceira pessoa o fato é neutralizado, portanto finge-se um distanciamento da enunciação já que o objetivo da notícia é simplesmente informar. O narrador, ao narrar em terceira pessoa, evita arcar com qualquer tipo de responsabilidade sobre o que foi dito.

¹³A reportagem completa pode ser lida através do link: <<https://noticias.terra.com.br/brasil/politica/impeachment/dilma-e-recebida-com-protestos-em-campinas,f4a8931e760100709cd1bfd10296d8d4wp1hkqf6.html>>. Acesso em: 09 jun. 2016.

Se o efeito de distanciamento é marcado pelo uso da terceira pessoa, o efeito de proximidade é instaurado através do emprego da primeira pessoa. Analisemos o trecho¹⁴ que segue:

“Recentemente me perguntaram se eu acredito nos relacionamentos que iniciam por e-mail ou *Facebook*, sem conhecimento prévio um do outro. Sinceramente? É bom que todos acreditem, pois não são poucos os casais que travam o primeiro contato através da internet. Anda cada vez mais difícil um adulto conhecer um parceiro amoroso no bar, no parque ou numa festa, então os sites dão conta de providenciar os arranjos com mais presteza e ótimos resultados.” (MEDEIROS, 2016).

O trecho anterior foi retirado da crônica “Do virtual ao real” da escritora Martha Medeiros. Ao projetar um discurso em primeira pessoa, de breagem actancial enunciativa, cria-se efeito de sentido de proximidade, ou seja, de subjetividade, pois quem narra se marca no discurso. O discurso, em primeira pessoa, portanto, é impregnado de “parcialidade”. Como o exemplo acima, autobiografias, cartas e diários também são gêneros que particularmente são escritos com de breagens actanciais enunciativas.

Conforme Barros (2005, p. 58), por efeitos de realidade ou de referente “entendem-se as ilusões discursivas de que os fatos contados são “coisas ocorridas”, de que seus seres são de “carne e osso”, de que o discurso, enfim, copia o real”. Os efeitos de realidade geralmente ocorrem a partir de de breagens internas, conforme explicamos anteriormente.

4.4.3 De breagem temporal

Quando as marcas de tempo do enunciado coincidirem com o tempo da enunciação ou o tomarem como referência, a de breagem temporal será enunciativa.

Ex.: Você pode me buscar agora? (O acontecimento coincide com o momento em que o locutor está falando).

Quando o tempo do enunciado não coincidir com o tempo da enunciação e não o tomar como referência, a de breagem temporal será enunciativa.

Ex.: No dia vinte de maio, apresentei um trabalho em Passo Fundo. (O “apresentei” toma como marco temporal o vinte de maio, instaurado no enunciado).

¹⁴ A crônica completa pode ser lida através do link: <http://revistadonna.clicrbs.com.br/coluna/martha-medeiros-do-real-ao-virtual/>. Acesso em: 09 jun 2016.

4.4.4 Debreagem espacial

A debreagem espacial será enunciativa quando o local do enunciado coincidir com o da enunciação ou o tomar como referência.

Ex.: Esta casa é muito linda.

A debreagem espacial será enunciva quando o local citado não coincidir com o da enunciação e/ou não tomá-lo como referência.

Ex.: O professor está na sala dele.

4.4.5 A embreagem

A embreagem é o oposto da debreagem. Greimas e Courtés (2013, p. 159) explicam que se denomina “embreagem o efeito de retorno à enunciação, produzido pela suspensão da oposição entre certos termos da categoria da pessoa e/ou do espaço, e/ou do tempo, bem como pela denegação da instância do enunciado”. Em outras palavras, uma embreagem subverte uma debreagem. Toda embreagem pressupõe uma debreagem anterior.

As embreagens podem ser actanciais (de pessoa), temporais ou espaciais e também se classificam em enunciativas e enuncivas. As embreagens serão enunciativas quando anularem uma debreagem anterior e restar no enunciado um termo enunciativo (pessoa, tempo ou espaço). Serão enuncivas quando anularem uma debreagem anterior e restar no enunciado uma marca enunciva (pessoa, tempo ou espaço).

Como exemplo, podemos citar o discurso de uma mãe com seu filho, quando diz “A mamãe não quer que você faça bagunça no seu quarto”. Ao enunciar dessa forma, a mãe anulou o eu, ela poderia ter dito “Eu não quero que você faça bagunça no seu quarto” e realizou uma embreagem em terceira pessoa (ela), quando disse “a mamãe”. Temos, portanto, uma embreagem actancial enunciva. Percebemos o poder que causa a subversão de uma marca de pessoa, porque dizer “a mamãe”, nesse caso, tem mais poder do que dizer “eu”. A mãe é autoridade na família, por isso, estabelece uma relação de hierarquia e respeito em relação ao filho, que deve obedecer e manter o seu quarto organizado.

Já a embreagem temporal pode ser exemplificada pela chamada do Jornal *On-line* Terra (05 junho 2016) que afirma “Papa Francisco canoniza 2 novos santos no Vaticano”. O mais adequado seria que se dissesse “Papa Francisco canonizou 2 novos santos no Vaticano”, uma vez que, ao ser noticiado, o fato já ocorreu. Contudo, a escolha pelo verbo no tempo presente canoniza é eleita porque ele dá a impressão de novidade, de que a notícia é atual.

Tem-se, nesse exemplo, a anulação de uma debreagem temporal enunciativa (pretérito perfeito 1) por uma embreagem enunciativa, já que resta no enunciado um marco temporal enunciativo (presente).

Como exemplo de embreagem espacial, citamos: “Moro em Nova Bassano desde que nasci”. A pessoa poderia ter dito simplesmente “Moro aqui desde que nasci”, mas optou por uma embreagem espacial enunciativa, já que anulou o “aqui” e projetou no enunciado o espaço enunciativo “em Nova Bassano”.

Neste capítulo, abordamos o discurso direto como uma das estratégias que produzem efeitos de realidade, de aproximação ou distanciamento. A objetividade é um efeito de sentido comum às notícias, como uma característica dos gêneros jornalísticos. A subjetividade, portanto, geralmente é mascarada na instância do narrador. Por conseguinte, quando os interlocutores ganham voz, a subjetividade aparece, pois, em geral, os entrevistados dizem “eu” e fazem um discurso subjetivo, deixando transparecer nele opiniões pessoais e emoções, o que sensibiliza o leitor. Também vimos que o jornalista manifesta imparcialidade ao noticiar os fatos, e por não poder dizer o que bem entende, delega voz aos entrevistados, já que eles possuem autonomia para dizer tudo o que desejam. Além disso, é preciso considerar que, apesar de ser “imparcial”, o narrador pode fazer recortes do que as pessoas entrevistadas disseram, organizando o discurso de acordo com o que lhe convém.

No capítulo que segue, discutiremos sobre algumas estratégias não verbais que entram em cena na constituição das notícias *on-line*.

5 ENUNCIÇÃO E TEXTO NÃO VERBAL

A Teoria Semiótica Discursiva de linha francesa, conforme já foi abordado no capítulo três, considera texto como um todo de sentido em que as diferentes linguagens convergem para a construção do enunciado. Portanto, também são objetos de análise, para essa teoria, os textos sincréticos, que são textos compostos tanto por linguagem verbal quanto pela linguagem não verbal. Desse modo, neste capítulo, apresentaremos mecanismos enunciativos na linguagem não verbal e os efeitos de sentidos que eles projetam no texto.

5.1 MECANISMOS NÃO VERBAIS E EFEITOS DE SENTIDO

As notícias, que são nosso objeto de estudo, geralmente são textos sincréticos, pois unem uma informação, dada pela linguagem verbal, com fotografias, áudios ou vídeos. Esses arranjos não verbais, juntamente com o texto verbal, constroem os efeitos de sentidos.

O texto não verbal, inúmeras vezes, diz aquilo que com as palavras seria impossível dizer, assim como acontece com a delegação de vozes em discurso direto dentro de um enunciado. Muitas vezes, o que não pode ser dito pela instância do narrador - dada a coerção de neutralidade e de objetividade do gênero jornalístico - é dito pelo interlocutor, a quem o narrador delega voz, através de discurso direto. Da mesma forma ocorre com o texto não verbal, muitas vezes a fotografia ou o vídeo que compõem a notícia deixam transparecer mais efeitos de sentido de ordem do sensível, da subjetividade, que não poderiam ser expressos pelo narrador no texto verbal. Lembrando, também, que esses mecanismos não verbais não são escolhidos aleatoriamente, visto que têm um papel persuasivo, de captar a atenção e a adesão do enunciatário.

Considerando, então, que texto é um todo constituído de sentidos, as linguagens não verbais também produzem efeitos de sentido. Greimas e Courtés (2013, p. 155) sintetizam que efeito de sentido “é a impressão de ‘realidade’ produzida pelos nossos sentidos, quando entram em contato com o sentido, isto é, com uma semiótica subjacente” e complementa que “o mundo do senso comum é o efeito de sentido produzido pelo encontro do sujeito humano com o objeto-mundo” (GREIMAS; COURTÉS, 2013, p. 155). Em outras palavras, as ações humanas são sempre causadas por efeitos de sentidos determinados pelas escolhas

enunciativas daquele que pretende persuadir seu enunciatário, ou seja, pelas escolhas enunciativas do enunciador.

Passemos, portanto, a detalhar as seguintes linguagens não verbais: fotografias e vídeo.

5.1.1 As fotografias

Considerando que todo discurso tem por objetivo persuadir o outro, os jornais utilizam estratégias para ganhar a atenção do seu público. A fotografia, portanto, é uma grande estratégia de persuasão porque ela chama a atenção e sensibiliza o leitor.

Quem lê notícias *on-line* provavelmente quer se manter informado, mas dispõe de pouco tempo para isso, portanto, a fotografia é essencial para a obtenção da atenção do leitor. Não raras vezes o leitor observa a imagem, lê o texto verbal e volta para a imagem. Mesmo sendo uma imagem congelada, a fotografia representa uma fração de segundos da realidade, assim, provoca efeitos de sentido de verdade e de realidade.

Ao ler a notícia e observar a fotografia, o leitor se identifica com a imagem dos pais que perdem seus filhos, do ferido por conta das balas perdidas, dos desabrigados por causa da inundação da chuva. No momento em que o leitor se sensibiliza pela imagem, pode também considerar relevante dedicar um pouco de seu tempo à leitura do texto verbal. O leitor só vai ler o texto verbal se algum efeito de sentido lhe foi provocado. Se a imagem não despertar algum efeito no leitor, poucas serão as chances do texto verbal ser “consumido”.

A fotografia, conforme expõe Hernandez (2006, p. 49), “atrai o olhar pelas cores, contrastes, simulação de movimentos. Os sentidos são arrebatados em função de uma descontinuidade do plano de expressão”. Sobre os efeitos que as fotografias causam aos leitores, Gomes (2008, p. 12) complementa que

as dores e as alegrias das figuras humanas (ou personificadas) que povoam as narrativas jornalísticas nos afetam porque as sentimos muito próximas. Regozijamo-nos com o sucesso e sofremos com as perdas de nossos semelhantes, o que lhes acontece poderia ter acontecido conosco. A possibilidade de vivenciar um afeto, de emocionar-se com uma história se deve ao fato de o leitor tomar posição na narrativa, identificar-se com seus actantes [...].

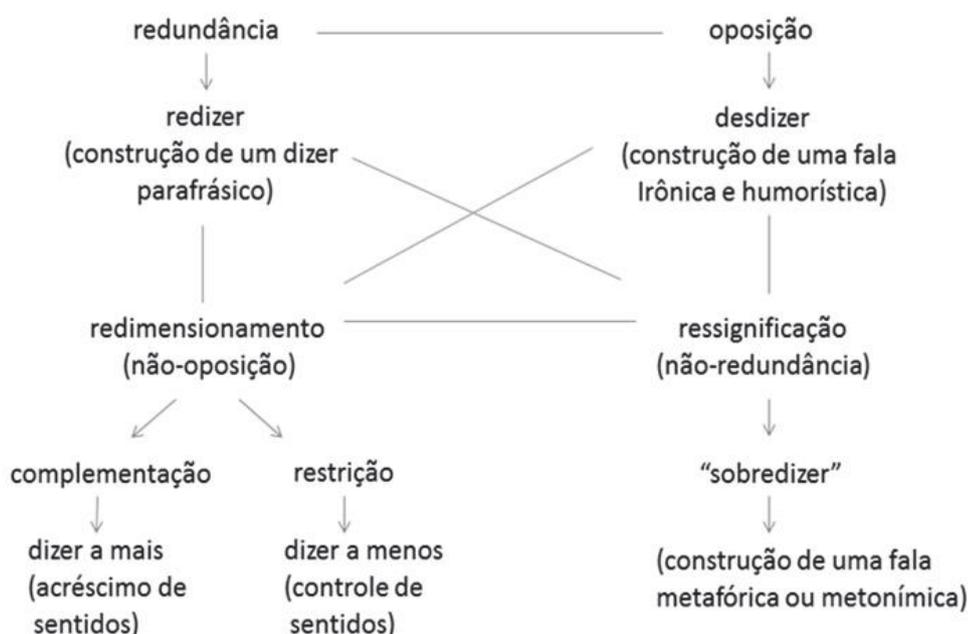
Se as fotografias assumem função de construir sentidos e ganhar a atenção do leitor, elas não serão expostas na notícia sem nenhuma intenção daquele que as escolheu. Isso quer

dizer que nenhuma fotografia será apresentada sem a subjetiva escolha de um enunciador, portanto, haverá sua opinião por trás dessa escolha.

O que leva um jornalista a apresentar uma fotografia de um político sorrindo e olhando para a câmera enquanto o texto verbal notícia sobre políticos acusados de corrupção? A imagem, nesse sentido, não contradiz com o verbal, já que os políticos estariam sendo acusados por corrupção. Essa, portanto, será uma escolha aleatória ou por trás dessa imagem há uma opinião do jornalista?

Sobre os textos jornalísticos, Gomes (2009) aborda que imagens e palavras, em uma notícia ou reportagem, são partes de um todo que só significa pelas relações particulares que as diferentes linguagens estabelecem entre si. Dessa forma, o sincretismo é uma necessidade nesse gênero porque permite que se diga o indizível, o implícito, o emotivo, o humorístico. Nem sempre as imagens dizem o mesmo que o texto verbal. Para exemplificar as relações de sentido que podem se estabelecer entre fotografia e texto verbal em uma notícia, Gomes (2009, p. 218) apresenta o seguinte esquema, conforme consta na imagem 4:

Imagem 4 - Fotografias e texto verbal nas notícias



Fonte: Gomes (2009).

O esquema proposto por Gomes (2009) demonstra que nem sempre as linguagens verbais e não verbais apenas reiteram o sentido uma da outra, pois podem apresentar informações diferentes. No caso da *redundância*, a imagem apenas reafirma o que foi dito no

enunciado verbal. No caso da *oposição*, a imagem nega o que foi dito pelo enunciado verbal. Diversas vezes esses casos apontam ironias ou críticas. A imagem também pode apresentar uma *restrição*, quando ela diz menos do que o texto verbal. No entanto, é através da *complementação* que a imagem expressa todos os sentidos que seriam impossíveis de ser ditos por meio de palavras, ou seja, a imagem diz mais do que o verbal. Nesse caso, costuma-se dizer que uma linguagem acrescenta sentidos ao que a outra diz. A *ressignificação*, por fim, ocorre quando a imagem constrói um novo sentido, como uma imagem metonímica ou metafórica que ressignifica o que foi dito no verbal.

Por meio desse esquema, é possível afirmar que cada linguagem apresentará diferentes perspectivas, portanto, nada será escolhido ou enunciado por acaso, sempre haverá um motivo para determinada escolha ser feita.

De acordo com isso, Forni (2005, p. 2) torna claro que

a foto, antes de ser publicada, passou por longo processo de seleção. Assim como as notícias, disputou com outras o privilégio de figurar na primeira página dos grandes jornais. Em geral, essa imagem serve como âncora e suporte à grande manchete do dia. As milhares de notícias e fotos enviadas para as redações passam por crivo rigoroso que depende da linha editorial do jornal e da importância dos fatos do dia. Evidentemente, trata-se de decisão exclusiva do jornal, mas existem fotos que se impõem pela dimensão do flagrante ou pela importância do acontecimento. De qualquer modo, é uma decisão arbitrária que envolve qualidade, oportunidade e conveniência. A seleção e o destaque da foto fazem parte do “poder” da mídia de agendamento do que o público irá ver e discutir no dia seguinte. Por isso, a seleção das fotos passou a ser uma decisão tão importante quanto a escolha da manchete.

A imagem, em termos de captação de atenção, é mais poderosa que a notícia verbal, desse modo, é evidente que elas transmitem significado a partir de como elas são produzidas. Nessa perspectiva, Hernandes (2006, p. 218-219) explica sobre os tipos de fotos:

Fotos de registro – [...] A foto de registro é a que mais se aproxima o mero papel “ancorador” [...].

Foto de síntese – [...] Resume toda uma situação tratada na parte escrita da matéria e geralmente apela para a passionalidade do observador (estratégia de sustentação). [...] Fica evidente para o leitor que a realidade não está sendo mais mostrada de maneira “objetiva”, mas filtrada por um conjunto de valores que quer ressaltar determinados simbolismos.

Foto flagrante – Capta o chamado “instante decisivo” [...] e tem enorme valor documental e impactante. Acreditamos que o ato do fotógrafo de captar um acontecimento no momento de maior tensão narrativa é a essência do fotojornalismo.

Foto plástica – busca efeito estético [...] e, dessa maneira, é a que mais expõe o fotógrafo como enunciador. Há um forte sentido de “autoria” da foto, de um ponto de vista subjetivo.

A foto registro pode ser exemplificada através da imagem do local de um acidente, é utilizada como forma de referente, de ilustrar ao leitor sobre algo noticiado no texto verbal. A foto síntese traz o posicionamento da redação a respeito de algum fato, ou seja, quando, por trás da imagem há opinião de quem está escrevendo a notícia. Gomes (2009) exemplifica a foto síntese através de uma reportagem que mostra, de um lado, a figura de Lula, com um sorriso quase sarcástico, e de outro, a presença de Serra, Garotinho e Bezerra “de costas”. Opondo-se a imagem, há uma citação de Lula: “Sou amigo de todos os candidatos, quero tratá-los com maior carinho. Se não estivermos juntos no primeiro ou no segundo turno, poderemos estar juntos para garantir a governabilidade.” (GOMES, 2009, p. 239). O efeito entre o dito e o visto demonstra o posicionamento assumido pelo enunciador sob a máscara de neutralidade. A foto flagrante, como o próprio nome indica, registra um momento histórico. A foto plástica é uma foto artificial, é aquela em que o fotógrafo combina a pose com a pessoa, analisando o melhor ângulo e paisagem, para depois selecionar a melhor foto.

As fotografias, além de transparecer efeitos de realidade, são capazes de despertar no leitor efeitos que remetem ao sensível e ao passional. Barros (2005, p. 58) explica que por “efeitos de realidade ou de referente entendem-se as ilusões discursivas de que os fatos contados são “coisas ocorridas”, de que seus seres são de “carne e osso”, de que o discurso, enfim, copia o real”. Ou seja, as fotografias denotam efeitos de realidade, pois capturam imagens de pessoas, ambientes, acontecimentos, que nos remetem à realidade. Os jornais noticiam dramas e alegrias que podem ser compartilhadas pelo leitor, porque o que aconteceu na notícia poderia muito bem ter lhe acontecido. Nesse sentido, as fotografias são elementos capazes de evocar sensações que podem ser partilhadas com o leitor.

A força da fotografia é capaz de evocar sensações. Através delas é possível remeter a vivências ocorridas ou até mesmo de se colocar no lugar do outro, já que, em muitas vezes, a dor do outro pode comover, “a cena vista pode se tornar também uma cena sentida. Os afetos reconhecidos podem sensibilizar o enunciatário e comovê-lo” (GOMES, 2008, p. 84). Assim, as fotografias, além de fazer-saber, podem fazer-sentir.

As fotografias, assim como certos mecanismos do texto verbal, também projetam efeitos de aproximação e distanciamento. Nas imagens, segundo Barros (2012a), esses efeitos estão relacionados à posição dos atores, à gestualidade expressa por estes. A comunicação gestual entre enunciador/enunciatário ou entre narrador/narratário podem ser estabelecidas em

primeira ou em terceira pessoa. Sobre isso, Barros (2012a, p. 40) esclarece que “pelo olhar, pelo movimento da cabeça e das mãos, principalmente, o destinador do anúncio comunica-se diretamente ou indiretamente com seu destinatário”. As fotografias serão tão mais subjetivas quanto mais se projetarem efeitos de aproximação entre o ator projetado na foto e o leitor, e serão tão mais objetivas quanto mais se projetarem efeitos de distanciamento entre ator e leitor.

Em relação às debreagens na linguagem não verbal, elas podem ser enuncivas ou enunciativas, conforme também ocorre na linguagem verbal. No que diz respeito às fotografias, as debreagens são enunciativas quando o ator for projetado na foto olhando para o leitor, já que a tomada de olhar dos atores indica modo de presença da enunciação no enunciado, “instaurando pistas que determinam um modo de ver e sentir o conteúdo enunciado” (GOMES, 2007, p. 59). Sobre isso, Landowski (2002, p.130) complementa que “são sobretudo os olhos, ou melhor, é o olhar (aquele que a imagem cria) que, conjugado a outros procedimentos cenográficos, consegue produzir esse milagre: o simulacro de uma presença”.

Além do olhar do ator, Gomes (2007) afirma que podem ser citados outros recursos para demonstrar as debreagens enunciativas, como a perspectiva com que se enquadram os atores e cenários, a inserção dessas no conjunto do texto, a maneira com que as fotografias são englobadas ou cercadas pelas margens, a definição de contornos. Todas essas escolhas criam efeitos de proximidade ou distanciamento.

Outra forma de perceber as debreagens enunciativas é quando, nas fotos, se percebe intencionalidade/subjetividade do enunciador em produzir efeitos de aproximação, de verdade e efeitos passionais. A fotografia não foi escolhida por acaso, ela possui dever de provocar algum efeito de sentido sobre quem está lendo.

As debreagens enuncivas, no entanto, são aquelas que projetam efeitos de distanciamento entre o enunciador e o enunciatário. Gomes (2007) explica que embora sejam ironias, nessas fotografias, o enunciatário apenas espia os acontecimentos de fora da cena, portanto apresentam efeitos de objetividade e distanciamento. As debreagens enuncivas podem ser identificadas quando a gestualidade ou o olhar dos atores não se direciona ao leitor, mas sim a outros atores do enunciado. Assim, o enunciatário-leitor apenas observa a cena em terceira pessoa, não participa diretamente da cena.

No que tange às instâncias enunciativas, entendemos que o discurso direto pode manifestar-se sob a forma de linguagem verbal e também na linguagem não verbal. Tomemos como exemplo as notícias jornalísticas *on-line*, que são nosso objeto de estudo. Na linguagem

verbal, o *enunciador* é composto por toda equipe jornalística. O enunciador delega voz ao *narrador*, representado nesse caso pelo jornalista responsável pela produção do texto verbal. Essa delegação de vozes acontece através de *debreagem* interna de primeiro grau. O narrador, ao escrever a notícia, segue as características desse gênero, portanto, deve manter imparcialidade, objetividade e distanciamento. O narrador, no entanto, possui autonomia de delegar voz aos *interlocutores*, que são pessoas entrevistadas que podem manifestar suas opiniões sem nenhuma restrição. Essa delegação de voz ocorre como *debreagem* interna de segundo grau sob a forma de discurso direto.

Na linguagem não verbal, acreditamos que o mesmo acontece nas instâncias do enunciador, narrador e interlocutor. Entretanto, entendemos que o interlocutor, nesses casos, é o fotógrafo responsável pelas imagens e vídeo, já que ele pode manifestar sua opinião através do não verbal, como se ele estivesse sendo entrevistado. O fotógrafo pode ser profissional e trabalhar ou não para o enunciador (jornal), ou então, ele pode ser amador. Diversas vezes, principalmente em notícias *on-line*, encontramos imagens feitas pelo próprio leitor. Observemos a imagem 5:

Imagem 5 - Contribuição de texto não verbal

Cratera em terreno de Viamão representa perigo para moradores

Não há definição de data para a resolução do problema

Por: Diário Gaúcho
25/08/2016 - 10h19min | Atualizada em 25/08/2016 - 10h20min

Compartilhar



Foto: Leitor DG / Arquivo Pessoal

Fonte: ZH (2016).

A notícia¹⁵ apresenta uma fotografia de um leitor, conforme podemos identificar nos créditos logo abaixo da imagem: “Foto: Leitor DG/ Arquivo Pessoal”. O leitor/fotógrafo enviou a imagem, que fazia parte do seu arquivo pessoal, para colaborar com a edição do jornal. Esse leitor/fotógrafo é, portanto, um interlocutor, que poderia ter sido um entrevistado, e seu depoimento poderia ter sido projetado de forma escrita ou mesmo em áudio, no entanto, foi apresentado em forma de fotografia.

Sendo assim, consideramos que ocorre delegação de vozes no texto não verbal quando o enunciador delega voz ao narrador, através de uma debreagem interna de primeiro grau. No momento em que o narrador delega voz a um interlocutor, ocorre uma debreagem interna de segundo grau. Geralmente essas debreagens são apresentadas em forma de discurso direto, pois representam a fala literal do interlocutor. É dessa forma, por exemplo, que se constitui um diálogo

com debreagens internas, em que há mais de uma instância de tomada da palavra. Essas instâncias são hierarquicamente subordinadas umas às outras: o *eu* que fala em discurso direto é denominado por um *eu* narrador que, por sua vez, depende de um *eu* pressuposto pelo enunciado. Em virtude dessa cadeia de subordinação, diz-se que o discurso direto é uma debreagem de segundo grau. (FIORIN, 2016, p. 39, grifo do autor).

Seguindo esse mesmo raciocínio, quando o narrador delega voz para o interlocutor fotografar ou filmar uma cena, este se expressa no texto através de um discurso direto não verbal, visto que ele está dizendo e/ou manifestando sua opinião por meio de uma imagem.

Mesmo que o fotógrafo faça parte da equipe jornalística, não é ele quem decide qual fotografia irá utilizar, ou seja, as instâncias do enunciador, narrador e interlocutor são diferentes e cada um ocupa seu lugar no enunciado.

5.1.2 Os vídeos

De acordo com Crestani (2010), os vídeos unem significados da linguagem verbal e da não verbal e acrescentam-lhes possibilidade de animação e movimentos. As fotografias, mesmo sendo imagens congeladas, possibilitam uma grande variedade de significados e efeitos de sentido. Os áudios, que permitem ouvir a voz de quem está falando, sugerem efeitos

¹⁵ A notícia pode ser lida na íntegra através do link: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2016/08/cratera-em-terreno-de-viamao-representa-perigo-para-moradores-7329634.html#>>. Acesso em: 26 maio 2016.

ainda maiores porque aproximam o leitor/ouvinte do narrador e também expressam realidade, porque quem fala é de carne e osso. Sendo os vídeos a união desses dois recursos, diversos efeitos de sentidos nos são apresentados e potencializados. Nesse mesmo ponto de vista, Crestani (2010, p. 101-102) esclarece que

se nos áudios podem-se apenas ouvir os interlocutores “descolados” do contexto situacional e, nas fotografias, apenas vê-los, nos vídeos é possível vê-los e ouvi-los ao mesmo tempo, e vê-los “situados” no espaço da enunciação do discurso citado. Os movimentos (dos atores e dos objetos que integram o ambiente) e os sons (verbais, musicais, ruídos) capturados pela câmera permitem perceber grandezas de ordem semiótica que participam diretamente da construção da significação (elementos do entorno, tom de voz, gestualidade, expressões faciais, etc.). Nesse sentido, os vídeos concentram a força do áudio e da imagem em movimento numa só forma de expressão, intensificando e acentuando, por meio dessa fusão, os efeitos de sentido que esses recursos projetam.

No que tange às debreagens internas para delegação de vozes, os vídeos seguem o exemplo do que acontece nos depoimentos em áudios. Ou seja, o narrador delega voz a um repórter, que é denominado interlocutor 1. Geralmente esse repórter está situado no espaço em que aconteceu o fato que está sendo noticiado, portanto entrevista alguém, interlocutor 2, sobre o ocorrido. Esses interlocutores são instaurados como sujeitos da enunciação do discurso citado, pois se expressam verbalmente e podem ou não instaurar as categorias da enunciação eu/tu, aqui, agora no enunciado. O modo de se enunciar e as escolhas enunciativas fazem emergir efeitos de sentido de aproximação ou distanciamento. Assim, se o narrador do texto verbal se enuncia através de debreagens enuncivas, no intuito de produzir efeitos de sentido de distanciamento em relação aos fatos, os interlocutores, através da utilização de debreagens enunciativas, podem produzir efeitos de sentido de aproximação, inclusive ancorando, através da imagem, o eu/tu e o aqui da enunciação.

Apesar de os vídeos apresentarem linguagem verbal semelhante aos áudios, eles não apresentam efeitos de sentido equivalentes. Enquanto os áudios permitem efeito de aproximação e realidade por conta da voz, os vídeos possibilitam visualizar as pessoas que estão falando. Através dos vídeos é possível ver e ouvir os atores que falam e se movimentam em diferentes cenários. Elementos como o cenário em que estão inseridos, movimentos de aproximação ou afastamento entre os sujeitos, linguagem corporal, as expressões faciais, sotaque, as variedades linguísticas, o que e como foi dito, os silêncios e até mesmo as pausas são materializados nos vídeos. Todos esses elementos auxiliam na construção de significados

que podem ser apreendidos pelo leitor, despertando efeitos de proximidade em relação ao fato narrado e aos sujeitos envolvidos.

Nos vídeos, como se reproduz a fala dos personagens, além da fala literal do repórter ou do entrevistado, podemos “sentir”, através das pausas, reformulações, entonação, sotaque e vocabulário utilizado, a emoção, o tom irônico, indignado, debochado, triste ou até mesmo alegre daquele que está enunciando. Por conta dessas marcas, ficam evidentes os efeitos de subjetividade presentes no texto. Os efeitos têm sua passionalidade reforçada quando os discursos diretos são apresentados pela voz do próprio interlocutor, visto que “sentimos” o tom de sua voz, diferente de quando a fala é apresentada em discurso direto em texto escrito.

Nesse sentido, ao ouvir o entrevistado ou o repórter que está elaborando a notícia, a ordem do racional e do passional também são afetados, pois nos comovemos com a sensibilidade do outro através da sua fala. Identificamo-nos com a fala do outro por conta do sotaque, das gírias, do vocabulário e do modo de dizer o que está sendo dito. Ouvir o relato de alguém é uma forma de “presenciar” a verdade e a realidade, pois alguém está realmente narrando o acontecimento. Também é possível ouvir os sons do entorno, os ruídos, que criam efeitos de realidade e aproximação. A exemplo disso, quando um repórter está transmitindo uma notícia da rua, podemos ouvir o som do trânsito, barulho de buzinas, pessoas conversando, ou seja, esses sons acentuam os efeitos de realidade e verdade porque transportam o leitor para dentro do contexto enunciativo.

Por conta desses elementos, que não são mostrados no texto verbal escrito, os efeitos de aproximação e realidade são muito mais contundentes do que quando apenas transcritos para o discurso direto. Ao ouvir a pessoa que esteve no local de uma tragédia temos a sensação de realidade - o que está sendo noticiado é verdade porque alguém que estava lá, naquele momento, está agora narrando o acontecido.

Neste capítulo, atentamos para os mecanismos enunciativos na linguagem não verbal e os efeitos de sentidos que eles projetam no texto. No capítulo seguinte, abordaremos sobre a metodologia e análise do nosso trabalho.

6 METODOLOGIA E ANÁLISE DO CORPUS

Neste capítulo, apresentaremos os procedimentos metodológicos em relação ao *corpus*, às categorias de análise e a análise do *corpus*. Como base teórica metodológica utilizaremos a Teoria Semiótica Discursiva.

6.1 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA, METODOLOGIAS E CATEGORIAS DE ANÁLISE

O *corpus* deste estudo é composto por uma notícia veiculada em jornal *on-line*. O critério utilizado para a seleção dessa notícia está relacionado à variedade de recursos semióticos que o texto apresenta. Dessa forma, selecionamos uma notícia que apresenta a maior variedade possível de recursos semióticos em sua constituição: texto escrito, fotos e vídeo. A notícia que compõe o *corpus* de análise relata um acontecimento internacional e traz como manchete: '*Fiquei petrificada*', diz fotógrafa que fez imagem de menino sírio morto, publicada em G1 *on-line* em 03 de setembro de 2015 (Anexo A).

Como teoria base para análise do *corpus*, utilizamos a Teoria Semiótica Discursiva, principalmente as proposições dos estudos enunciativos no nível discursivo, visto que essa teoria nos dá suporte para compreender como diferentes escolhas enunciativas produzem diferentes efeitos de sentido no texto, e como esses efeitos de sentido contribuem para a persuasão do leitor. Esta pesquisa é de natureza aplicada, já que buscamos trazer contribuições para essa área. De acordo com Prodanov e Freitas (2009, p. 62), a pesquisa aplicada “objetiva gerar conhecimento para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais”.

Do ponto de vista dos objetivos, a pesquisa é descritiva, pois nessas pesquisas “os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira sobre eles, ou seja, os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não são manipulados pelo pesquisador” (PRODANOV; FREITAS, 2009, p. 63).

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, a pesquisa é bibliográfica, uma vez que é elaborada com base em estudos e materiais já publicados que tratam de temas semelhantes. Com base nos estudos de Prodanov e Freitas (2009), a pesquisa é de abordagem

qualitativa, visto que pretendemos analisar dados de modo que os focos principais ficarão por conta do processo e da significação, diferenciando-se, portanto, da abordagem quantitativa, que utiliza dados estatísticos como prioridade para numerar ou medir unidades na análise de um problema.

A base teórica utilizada para análise dos dados é a Teoria Semiótica Discursiva, mais precisamente os estudos da enunciação no nível discursivo. Assim, são utilizados os estudos de Greimas e Courtés (2013), Greimas (2014), Fiorin (2003, 2006, 2014, 2016), Barros (2005, 2012a, 2012b), Hernandez (2006) e Gomes (2005, 2007, 2008, 2009). A partir do *corpus* selecionado e dos teóricos que embasam este estudo, realizaremos a análise com o objetivo principal identificar estratégias enunciativas relacionadas à projeção de efeitos de sentido passionais em notícia jornalística *on-line*. São objetivos específicos deste trabalho: a) entender como elementos verbais e não verbais (sincretismo de linguagens) convergem para a construção dos sentidos; e b) compreender os diferentes efeitos de sentido projetados por escolhas enunciativas de diferentes ordens.

Organizaremos nossa análise em quatro tópicos principais, que se subdividirão em subtópicos de modo a melhor apresentar os elementos abordados. O primeiro tópico será sobre as “Instâncias enunciativas – delegação de vozes”. Nele identificaremos o enunciador/enunciatário, narrador/narratário e interlocutor/interlocutário.

No segundo tópico, “Instância do narrador”, analisaremos, no enunciado verbal, a categoria de pessoa (1ª ou 3ª), a actorialização (caracterização dos atores do enunciado), as escolhas linguísticas utilizadas na descrição dos atores (estratégias passionais e efeitos de sentido).

O terceiro tópico será a “Instância do interlocutor”, em que serão analisadas a categoria de pessoa em que se projetam os interlocutores nos enunciados (1ª ou 3ª), as escolhas linguísticas projetadas nos enunciados dos interlocutores (estratégias passionais e efeitos de sentido) e o discurso direto não verbal.

Por fim, no quarto tópico, abordaremos as “Linguagens não verbais”. Nele analisaremos as fotos e vídeo (posição dos atores – debreagem enunciativa ou enunciativa; relação entre imagem e enunciado verbal- redimensionamento, redundância, oposição e ressignificação); diagramação (disposição dos elementos verbais e não verbais na página: estratégias de arbatamento); foco das câmeras e tempo de duração das cenas.

Para ilustrar o percurso de análise, segue o quadro 2 – um resumo dos procedimentos de análise:

Quadro 2 - Sequência e categorias de análise

Sequência da análise	Categorias de análise
1- Instâncias enunciativas – delegação de vozes	❖ Identificação do enunciador/enunciatário, narrador/narratário, interlocutor/interlocutário.
2- Instância do narrador	❖ Categoria de pessoa (1ª ou 3ª pessoa); ❖ Actorialização (caracterização dos atores do enunciado); ❖ Escolhas linguísticas utilizadas na descrição dos atores (estratégias passionais e efeitos de sentido);
3- Instância do interlocutor	❖ Categoria de pessoa em que se projetam os interlocutores em discurso direto (1ª ou 3ª); ❖ Escolhas linguísticas projetadas nos enunciados dos interlocutores (estratégias passionais e efeitos de sentido). ❖ Discurso direto não verbal.
4- Linguagens não verbais	❖ Fotos e vídeos (posição dos atores – debreagem enunciativa ou enunciativa; relação entre imagem e enunciado verbal) ❖ Diagramação (disposição dos elementos verbais e não verbais na página: estratégias de arrebatamento); ❖ Foco das câmeras e tempo de duração das cenas.

Fonte: Elaboração própria.

Apresentado o quadro com a sequência e categorias de análise, na próxima seção será apresentada a análise do corpus.

6.2 ANÁLISE DO CORPUS

A notícia escolhida para este estudo (anexo A) é intitulada “Fiquei petrificada', diz fotógrafa que fez imagem de menino sírio morto”, e foi publicada no site de notícias Globo¹⁶ (G1) no dia três de setembro de dois mil e quinze. A notícia repercutiu o mundo inteiro por tratar de uma crise migratória bastante arriscada.

¹⁶ A notícia pode ser acessada através do link: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/fiquei-petrificada-diz-fotografa-que-fez-imagem-de-menino-sirio-morto.html>>. Acesso em: 03 set. 2015.

Os países¹⁷ da Síria, Afeganistão, Iraque e Eritreia estão entre aqueles que tentam emigrar de suas origens em busca de uma vida melhor. A guerra, a pobreza, a repressão política e religiosa são alguns dos motivos da migração desses países para o continente europeu. Os principais destinos dos imigrantes são Alemanha, Suécia, França e Inglaterra. Embora seja uma travessia clandestina e muito perigosa, milhares são as pessoas que continuam arriscando suas vidas em busca de uma situação estável. Centenas de pessoas morreram tentando chegar à Europa, pois os naufrágios são frequentes. Dentre tantas vidas perdidas em busca de sonhos e melhorias, encontra-se o caso do menino Aylan Kurdi, que virou símbolo dessa crise migratória europeia.

A notícia em análise é constituída por linguagem verbal – texto escrito– e linguagem não verbal – fotografias e um vídeo. Primeiramente, analisaremos a linguagem verbal: na instância do narrador, seguido pela instância dos interlocutores, visto que o narrador lhes delega voz. Em seguida, analisaremos as linguagens não verbais: fotografias e vídeo.

6.2.1 Linguagem verbal: instâncias enunciativas e efeitos de sentidos

Conforme proposto por Greimas e Courtés (2013), são três as instâncias enunciativas: enunciador/enunciatário, narrador/narratário e interlocutor/interlocutário. A primeira instância é pressuposta na própria enunciação, visto que não haverá enunciação se não houver um enunciador e um enunciatário. Nesse caso, o enunciador pressuposto é a equipe do jornal *on-line* G1, formada por diretores, jornalistas, fotógrafos, diagramadores, enfim, todos os envolvidos no processo de produção das notícias que serão veiculadas. Os enunciatários serão os leitores pressupostos, para quem o jornal *on-line* irá enunciar.

O jornal *on-line* (enunciador) delega voz à segunda instância, à do narrador/narratário, através de uma debreagem interna de 1º grau. O narrador será o jornalista, que, habilitado pelo jornal, ganha voz e pode narrar os fatos. Nesta notícia, o narrador não é identificado pelo nome, porém, sabemos de sua existência. O narratário é o leitor que terá contato com os fatos narrados pelo jornalista.

Por fim, a terceira instância, a do interlocutor/interlocutário, estabelece-se quando o narrador dá voz em discurso direto aos interlocutores, que serão os actantes do enunciado. Esses actantes são os entrevistados, que dão veracidade aos fatos. Ao delegar a voz aos

¹⁷A melhor compreensão dessa crise migratória pode ser lida através do link: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/08/entenda-situacao-de-paises-de-onde-saem-milhares-de-imigrantes-europa.html>>. Acesso em: 04 set. 2015.

interlocutores, opera-se uma debreagem interna de 2º grau. Segue a manchete da notícia em que se evidenciam as duas instâncias:

'Fiquei petrificada', diz fotógrafa que fez imagem de menino sírio morto”

No início do trecho, identificamos a voz do interlocutor, a qual foi concedida pelo narrador. O discurso do interlocutor vem entre aspas, indicando tratar-se da fala da fotógrafa. O trecho subsequente traz a fala de um narrador em 3ª pessoa. O interlocutor enuncia com um discurso subjetivo, empregando um *eu* (debreagem actancial enunciativa), em contraposição ao do narrador. Os interlocutários, nesse caso, são os leitores da reportagem e o próprio narrador, uma vez que a este também se dirige à fala do interlocutor/fotógrafo.

Explicadas as instâncias enunciativas, analisaremos a partir desse momento a instância do narrador e, em seguida, a instância dos interlocutores.

a) Instância do narrador

O subtítulo, conforme já abordamos, possui a função de continuar arrebatando a atenção do leitor, juntamente com a manchete. Observemos, então, o subtítulo dessa notícia.

Foto de criança morta em praia na Turquia virou símbolo de crise migratória.
Irmão e mãe de menino também morreram em naufrágio.

Logo, percebe-se a presença de um narrador em terceira pessoa, característica comum dos textos jornalísticos para demonstrar efeitos de distanciamento e imparcialidade. Com a instauração de um *ele*, há um distanciamento entre o narrador e o objeto da narração, o que projeta efeito de objetividade, conforme Fiorin (2003). O efeito de imparcialidade e objetividade do narrador é manifestado no decorrer de toda notícia, conforme podemos identificar nos trechos que seguem.

A fotógrafa responsável pela imagem de Aylan Kurdi, o menino sírio que morreu afogado em Bodrum, na Turquia, falou nesta quinta-feira (3) sobre o caso e disse ter ficado petrificada com a cena.

Quando enunciado em terceira pessoa, segundo Fiorin (2003), o discurso indireto provoca efeito de sentido de distanciamento, já que o ele é não pessoa. Vejamos:

Após o naufrágio, na quarta-feira (2), o pai ligou para a irmã, que mora em Vancouver há 20 anos, e disse que seu único desejo é voltar para a cidade de Kobane, no norte da Síria, para enterrar seus familiares e ser enterrado ao lado deles.

Sob a forma de discurso indireto e utilizando-se de *debreagem* enunciativa, o narrador relata o desejo de Abdullah de voltar para sua cidade e ser enterrado ao lado dos seus familiares. A *debreagem* enunciativa, de acordo com Barros (2005) ocorre quando as marcas da enunciação são apagadas. Assim, nesse trecho, temos a presença da *não-pessoa*, já que o narrador apaga a marca enunciativa de pessoa e fala sobre um eles, esse apagamento projeta efeitos de distanciamento entre narrador e fato narrado, assim como entre o fato e o narratário. O espaço do discurso não é identificado, mas é possível saber que o desejo do pai é voltar para a “cidade de Kobane, no norte da Síria”, um *lá*.

A notícia é finalizada com uma informação em discurso indireto do Ministério das Relações Exteriores da Itália. Assim, evidencia-se que o narrador utiliza a *não-pessoa* para se enunciar no texto, apresentando, portanto, efeitos de distanciamento e objetividade.

Na quarta-feira, Itália, França e Alemanha assinaram um documento conjunto pedindo pela revisão das atuais regras da União Europeia sobre garantia de asilo e uma distribuição "justa" de imigrantes no bloco, informou o Ministério das Relações Exteriores da Itália.

Os trechos recortados dessa notícia comprovam que a instância do narrador é instaurada em terceira pessoa, ou seja, ocorre *debreagem* enunciativa, que distancia o narrador do fato narrado e também do narratário. O emprego de escolhas enunciativas que criam efeito de distanciamento atende à coerção do gênero notícia. Isso, conforme Hernandez (2006) é uma estratégia comum no jornalismo. O objetivo de utilizar a terceira pessoa é manter a imparcialidade, embora saibamos, de acordo com Bakhtin (2011), que todos os enunciados são parciais e subjetivos.

Embora o narrador não possa dizer tudo o que deseja, por conta da coerção de objetividade do gênero, ele tem autonomia para delegar voz aos interlocutores, que podem dizer com subjetividade aquilo que pensam. Desse modo, o jornal se isenta da

responsabilidade sobre o que é dito, mas delega voz aos interlocutores. No próximo tópico, analisaremos as escolhas enunciativas dos interlocutores.

b) Instância do interlocutor

A instância do interlocutor ocorre quando, por meio de uma debreagem interna de 2º grau, o narrador delega voz aos entrevistados. Essa estratégia é comum no gênero notícia. Em discurso direto, os interlocutores ganham certa “autonomia” de dizer o que pensam. Assim, projetam-se, nesses discursos, efeitos de realidade, pois são falas literais dos entrevistados que estão sendo apresentadas ao leitor. Ao serem enunciadas em 1ª pessoa, essas falas provocam efeitos de subjetividade e aproximação entre interlocutor e interlocutário, diferente de quando são enunciadas em 3ª pessoa, que despertam no interlocutário efeitos de distanciamento.

Analisaremos a forma como os interlocutores se instauram no enunciado e também outras marcas linguísticas que evidenciam efeitos de subjetividade.

Na notícia ora em foco (ver anexo A), o narrador delega voz para quatro interlocutores diferentes.

Interlocutor 1 – Fotógrafa–Nilüfer Demir

Interlocutor 2 – Abdullah Kurdi, pai de Aylan Kurdi

Interlocutor 3 – Primeiro-ministro, Manuel Valls

Interlocutor 4 – Autores das fotografias e vídeo¹⁸

Analisaremos, portanto, a instância de cada interlocutor respectivamente.

❖ Interlocutor 1 – Fotógrafa– Nilüfer Demir

Vejamos, primeiramente, a manchete da notícia:

'Fiquei petrificada', diz fotógrafa que fez imagem de menino sírio morto”

A manchete de uma notícia, conforme já abordamos anteriormente, é um dos primeiros recursos que instigam a atenção do leitor para a leitura completa da notícia. Escrita em discurso direto e em primeira pessoa (EU), realçando a opinião da fotógrafa que vivenciou

¹⁸ Conforme abordamos no capítulo 5, “Enunciação e texto não verbal”, é importante retomar que consideramos os autores das fotografias como interlocutores. Embora se manifestem por meio de linguagem não verbal, entendemos que o narrador delega “voz” a estes, que se enunciam por meio de um discurso não verbal.

a cena, a manchete aproxima interlocutor e interlocutário, na medida em que se projeta no texto um *eu*, que enuncia para um *tu*.

Além dos efeitos de subjetividade e aproximação projetados pela escolha da debreagem actancial enunciativa (*eu*), a escolha do vocábulo “petrificada” também é significativa. Ficar petrificada evidencia o estado emocional da fotógrafa que, naquele momento, aparentemente, teria o trabalho de registrar o fato. Atentamos para o fato de que a palavra “petrificada” é forte, ela indica um estado de alma de inércia diante de um choque intenso. A palavra, por si só, desperta o leitor para o sensível, para que se deixe envolver pela dimensão do sentimento pelo qual a fotógrafa foi tomada. O narrador utiliza a fala literal da fotógrafa para atingir o emocional do leitor, que em algum momento se identifica com o sentimento transmitido.

A interlocutora 1, na manchete da notícia, é identificada apenas como fotógrafa. Após sua fala, no segundo parágrafo, através de uma debreagem interna de 2º grau, o narrador a apresenta, dizendo o nome e o local de trabalho desta.

“Naquele momento, quando vi Aylan Kurdi, eu fiquei petrificada”, contou Nilüfer Demir, que cobre a crise migratória em Bodrum para a agência de notícias Dogan.

A partir desse trecho, tomamos conhecimento do nome da fotógrafa “*Nilüfer Demir*” e também somos informados de que ela é responsável por cobrir a crise migratória em Bodrum, na Turquia, para a agência de notícias Dogan. O nome da fotógrafa e as informações sobre ela criam efeitos de realidade, já que é uma pessoa de carne e osso, que possui sentimentos e trabalha para uma empresa jornalística, a agência de notícias “Dogan”, que também tem nome, portanto é real. Ou seja, tais mecanismos criam efeitos de verdade, dando a sensação de que nada do que está sendo noticiado é mentira.

Após ser identificada, a fotógrafa ganha ainda mais espaço na notícia, assim há outros trechos em que se projeta o discurso direto dessa interlocutora (fotógrafa). Vejamos:

“Ele estava deitado de barriga para baixo sem vida na areia, de camiseta vermelha e com seu short azul escuro. A única coisa que eu poderia fazer era tornar seu clamor ouvido. Naquele momento, eu pensei que poderia fazer isso ao acionar minha câmera e fazer sua foto”, contou a fotógrafa.

No trecho acima, além de ser apresentada a fala literal da fotógrafa, ela dá detalhes sobre como Aylan estava no momento em que o encontrou “*Ele estava deitado de barriga para baixo sem vida, na areia, de camiseta vermelha e com seu short azul escuro*”. Se a notícia não veiculasse uma fotografia, poderíamos imaginar a cena, certamente ela não seria tal e qual a imagem real, mas a partir dos detalhes da fotógrafa é possível “recriar” a cena em nossa memória. Também essas escolhas enunciativas criam efeito de realidade, pois a fotógrafa estava presente naquele momento e está contando ao leitor com suas próprias palavras, através do discurso direto.

Nesse mesmo trecho, é possível identificar marcas de sensibilidade: “*A única coisa que eu poderia fazer era tornar seu clamor ouvido. Naquele momento, eu pensei que poderia fazer isso ao acionar minha câmera e fazer sua foto*”. Essa fala comprova o quanto o emocional atingiu a fotógrafa. Se sua sensibilidade não tivesse sido atingida, ela poderia passar pelo fato sem registrar a imagem, poderia registrar o mar, ou então, as outras pessoas atingidas pelo naufrágio. O discurso da fotógrafa assume um tom de comoção e provoca efeitos de sentidos passionais que podem ser “sentidos” pelos leitores. O fato de ele estar projetado em discurso direto e em 1º pessoa contribui para acentuar o caráter de subjetividade, bem como os efeitos de sentido de realidade, de verdade, e de ordem do sensível.

Posterior a isso, a fotógrafa continua em seu discurso abordando que enxergou outra criança no chão, a pouco mais de 100 metros de distância de Aylan. Galip era irmão de Aylan, também estava morto, mas, de forma diferente, não foi ele quem repercutiu nas notícias do mundo inteiro. A situação era a mesma, crianças mortas na tentativa de buscar uma vida melhor. Veicular a foto de Aylan, portanto, passou por uma determinada escolha, tanto a fotógrafa quanto o repórter/equipe jornalística decidiram noticiar exatamente essa notícia, com estas determinadas imagens, ou seja, fizeram suas escolhas enunciativas.

Ela em seguida notou que outra criança, Galip, irmão de Aylan, também estava no chão. “Galip estava a 100 metros de seu irmão. Percebi que ele não estava com colete salva-vidas ou qualquer coisa que o ajudasse a flutuar na água. Essa imagem mostra o quão dramático o incidente foi.”

Neste discurso direto da interlocutora, podemos denotar o estado de alma da fotógrafa através do enunciado “*Essa imagem mostra o quão dramático o incidente foi*”, a expressão em destaque é de ordem passional, pois remete ao sensível da interlocutora.

Em outro trecho, o narrador distancia-se ao enunciar em 3ª pessoa “*Demir cobre as imigrações a região há 15 anos*”, mas logo que o faz, novamente delega voz ao seu interlocutor, Demir:

Demir cobre as imigrações na região há 15 anos. “Eu testemunhei muitos incidentes com imigrantes nesta região, suas mortes, seus dramas. Espero que isso agora mude. Fiquei chocada, me senti mal por eles. A melhor coisa a fazer era tornar sua tragédia conhecida.”

O enunciado em 1ª pessoa cria efeitos de subjetividade e aproximação entre interlocutor e interlocutário. Dentre tantos incidentes naquela região, Demir ficou *chocada e se sentiu mal por eles*, então decidiu que a melhor atitude para aquele momento seria a de “*tornar sua tragédia conhecida*”. Além disso, a enunciação enunciada está presente no discurso direto, já que se trata de um *eu* que fala para um *tu*, no espaço do *aqui* e no tempo do *agora*: “*Eu testemunhei muitos incidentes com imigrantes nesta região, suas mortes, seus dramas. Espero que isso agora mude*”.

❖ Interlocutor 2 – Abdullah Kurdi, pai de Aylan Kurdi

Posterior às falas da fotógrafa, o repórter responsável por esta notícia relata em discurso indireto que Abdullah Kurdi, pai de Aylan, conversou com a agência Turca de notícias Dogan. Então, o repórter delega voz ao pai do garoto, que se pronuncia em discurso direto:

"Tínhamos jalecos salva-vidas, mas o barco afundou porque vários se levantaram. Carreguei a minha mulher nos braços. Mas meus filhos escorregaram das minhas mãos", contou ele.

Essa é a única fala em discurso direto de Abdullah Kurdi, mas ela é suficiente para demonstrar todo pesar, amor e tristeza que um pai poderia sentir por seus familiares: “*Carreguei a minha mulher nos braços. Mas meus filhos escorregaram das minhas mãos*”. O sensível dessa fala não seria tão real se fosse transmitido ao leitor através de discurso indireto, já que ele provoca efeitos de distanciamento entre os sujeitos da enunciação. Dessa forma, convém destacar que o interlocutor 2 se enuncia em 1ª pessoa, projetando, portanto, efeitos de

aproximação entre interlocutor e interlocutário. O trecho em destaque é de ordem do sensível porque ele desperta o leitor para o sentimento do pai, que tentou salvar toda família, mas não conseguiu. Denota o querer e o dever-fazer e o não poder-fazer desse pai como protetor da família.

❖ Interlocutor 3 – Primeiro-ministro da França, Manuel Valls

Nos últimos trechos da notícia, o narrador traz para dentro do texto uma fala em discurso direto do primeiro-ministro da França, Manuel Valls, postada por este no Twitter:

"Ele tinha um nome: Alyan Kurdi. Ação urgente é necessária - uma mobilização da Europa inteira é urgente", escreveu Valls em sua conta no Twitter nesta quinta-feira.

Diferente dos dois primeiros interlocutores, este não se enuncia em 1ª pessoa, ou seja, seu discurso não produz efeito de subjetividade. No entanto, podemos observar o tom passional através de sua fala. Valls demonstra indignação perante o acontecido. Reparemos no enunciado: “Ele tinha um nome: Alyan Kurdi”. Apresentando um sentido metafórico, o enunciado de Valls (interlocutor3) chama atenção para a criança, demonstrando que ela não era um objeto qualquer, se tratava de uma pessoa, mais especificamente de uma criança, inocente e indefesa, que tinha uma vida inteira pela frente. A escolha dessas palavras denota efeito de passionalidade e subjetividade, ou seja, o interlocutor expressa o que sente sem esconder seus sentimentos.

❖ Interlocutor 4 – Autores das fotografias e vídeo

É comum nos textos jornalísticos, principalmente nas notícias *on-line*, o narrador delegar voz a interlocutores através do discurso direto verbal. No capítulo 5 “Enunciação e linguagem não verbal”, explicamos a analogia entre as fotografias e o discurso direto verbal. Nesse sentido, concebemos as fotografias e vídeos como discurso direto não verbal. Percebemos isso quando as fotografias são do próprio leitor (interlocutor), que as envia para o jornal (enunciador) com o intuito de colaborar na matéria. Normalmente as imagens que são apresentadas nas notícias recebem os devidos créditos do fotógrafo, que pode ser amador ou profissional.

Todas as fotografias apresentadas nesta notícia foram elaboradas por algum fotógrafo. No momento em que o narrador delega voz a um interlocutor ocorre uma debreagem interna de segundo grau. Com isso, é possível afirmar que, na linguagem não verbal, quando o narrador permite que o fotógrafo se expresse através do seu olhar perante uma imagem, também acontece uma debreagem interna de segundo grau, que projeta um discurso direto não verbal. O fotógrafo, nesse caso, é o interlocutor que, ao invés de expressar sua opinião através de discurso direto verbal, se expressa por meio de uma imagem. Ou seja, o fotógrafo tem o livre arbítrio para se manifestar através de um discurso direto não verbal. O fotógrafo, ao ser interlocutor, se coloca na imagem, ele captura aquilo que lhe convém, ele mostra o que deseja mostrar. O narrador, juntamente com o enunciador (equipe jornalística), possui o papel de escolher, recortar e ajustar a fotografia, tal e qual acontece no discurso direto verbal.

As escolhas enunciativas e os efeitos de sentido decorrentes de mecanismos da ordem do não verbal serão analisados na seção seguinte, em que abordaremos esses recursos.

6.2.2 Linguagem não verbal e efeitos de sentidos

Conforme vimos na seção anterior, consideramos como interlocutores os autores das fotografias e vídeos, mas retomaremos aqui as escolhas enunciativas não verbais e os efeitos de sentidos por elas produzidos.

Grande parte dos textos jornalísticos é sincrética, ou seja, apresentam a junção da linguagem verbal e não verbal. Esse também é o caso da notícia que compõe nosso *corpus* de análise. Como linguagem não verbal, a notícia em análise apresenta três fotografias e um vídeo. Analisaremos, primeiramente, as imagens e, posteriormente o vídeo.

a) Fotografias

A primeira fotografia aparece na notícia logo abaixo da manchete e do subtítulo. É a primeira informação que o leitor recebe, antes mesmo do texto verbal. A fotografia é apresentada no centro com aproximadamente 1/3 da página.

Convém pensar no porquê de essa foto ser apresentada ao leitor antes mesmo de qualquer linguagem verbal. Talvez porque se a cena fosse descrita, ao invés de mostrada, o efeito seria diferente, o leitor não se sensibilizaria tanto quanto ao visualizar a cena que está sendo exibida. A diagramação da fotografia igualmente reitera o apelo ao sensível do leitor,

considerando que sua proporção é maior do que o texto verbal e aparece no início do corpo da notícia, arrebatando, portanto, a atenção do leitor por meio de mecanismos de ordem do sensível. Vejamos:

Foto 1 - Policial paramilitar e criança



Policial paramilitar recolhe o corpo de uma criança morta que apareceu em praia da ilha de Kos, na Grécia. Vários migrantes morreram afogados e alguns seguem desaparecidos após botes lotados naufragarem durante tentativa de chegar ao território grego (Foto: AP/DHA)

Fonte: G1 (2015).

Policiais são, costumeiramente, conhecidos como pessoas rigorosas, que cumprem e fazem cumprir as leis para que tudo seja legal. Essas pessoas, por conta do seu trabalho, vivenciam tragédias, cenas fortes e precisam lidar com a presença da dor física e emocional alheia.

Um homem alto, magro, usando uniforme de autoridade, à beira mar. Um cenário cinza, com restos de lixo ou destroços espalhados pela areia. Uma criança no colo de um policial. A criança não tem vida e isso faz com que todos sintam a dor da perda. A criança que está nos braços do policial poderia ser um de seus familiares. Essa sensação é compartilhada com os leitores, que se comovem porque o menino poderia ser um dos seus.

A legenda que ancora a imagem diz o seguinte:

Policia paramilitar recolhe o corpo de uma criança morta que apareceu em praia da ilha de Kos, na Grécia. Vários migrantes morreram afogados e alguns seguem desaparecidos após botes lotados naufragarem durante tentativa de chegar ao território grego.

A legenda da foto é apresentada em forma de debreagem enunciativa de pessoa e espaço (ele, no lá), ou seja, o narrador não se marca no texto a fim de projetar efeitos de distanciamento e objetividade. Nessa legenda, o narrador cumpre seu papel de informar. O policia paramilitar é uma pessoa tão comum quanto a criança que estava morta na praia. “Uma criança morta que apareceu em praia”, esse trecho demonstra que a terceira pessoa é literalmente utilizada como uma não pessoa, metaforicamente, como se fosse um objeto que apareceu naquele lugar. Os artigos indefinidos “**uma** criança”, “**vários** migrantes” e “**alguns** seguem desaparecidos” corroboram para o efeito de sentido de distanciamento do narrador perante o que está sendo enunciado.

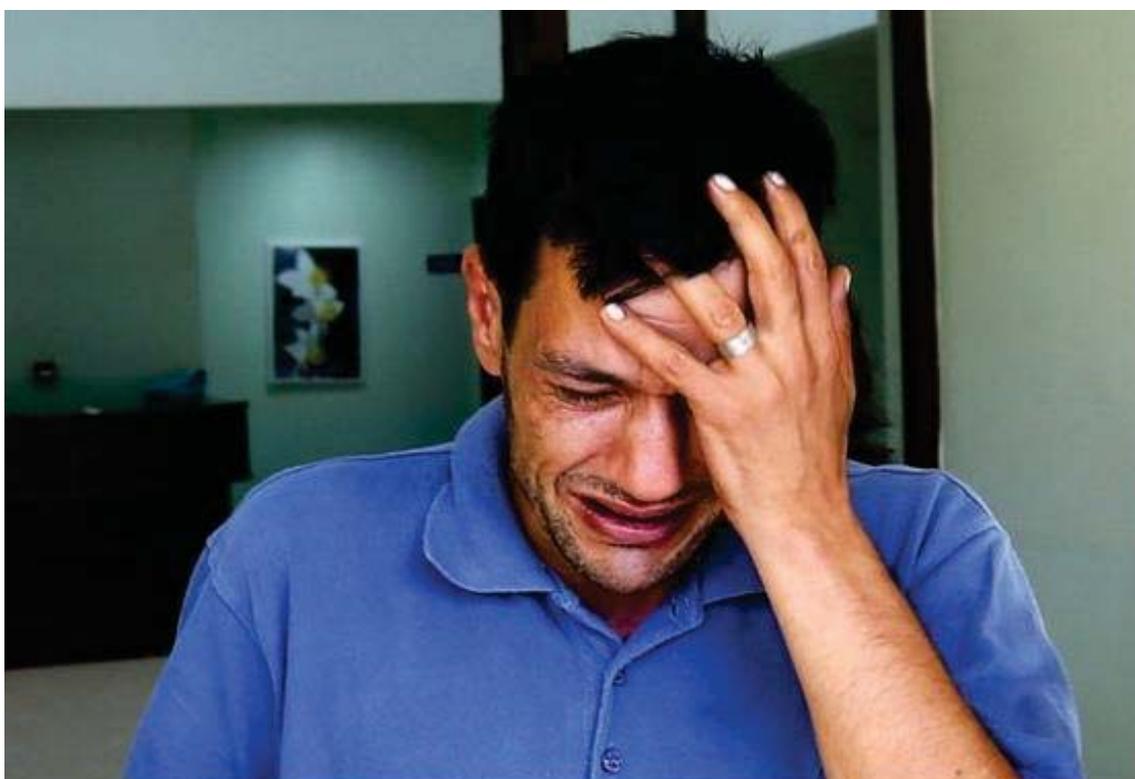
Quanto à projeção dos atores no enunciado, a imagem do policia, assim como a legenda, também é marcada por debreagem actancial enunciativa, pois o policia paramilitar está olhando na direção do chão, ele não olha para a câmara (o que poderia dar um efeito de aproximação entre o ator da foto e o leitor). Ele também não olha para a criança que está em seus braços. Isso parece corroborar a ideia de que os policiais estão acostumados com cenas fortes. Ou seja, o policia está ali apenas cumprindo sua tarefa de recolher um corpo morto. Não há traços de emoção da face dele, tanto é que olha para o lado e não para a criança. Essa atitude “coisifica” ainda mais o menino, demonstrando que ele era apenas mais uma vítima do acontecido. Todavia, pode-se considerar que o fato de o policia não olhar para a criança morta desperta efeitos de apelo ao sensível, pois esse actante é uma pessoa que possui sentimentos e por isso tenta evitar a cena forte e comovente.

O rosto da criança não é exposto, somente é possível ver os membros inferiores dela. Contudo, o mar, o possível movimento das ondas, o tamanho da criança em proporção ao tamanho do policia, os destroços/lixos espalhados pelo chão, tudo isso cria efeitos de realidade e, de certa forma, aproxima o leitor da situação enunciada. Ninguém mais aparece na fotografia, a praia aparenta ser deserta, a areia é turva, o cenário é cinza, lixos e destroços ocupam a beira mar. Tudo isso corrobora para que o leitor visualize o ambiente e o perceba como um espaço triste, ermo, desolador. Esses elementos não verbais despertam no leitor efeitos passionais. O leitor é sensibilizado porque a cena é composta por pessoas de carne e

osso num ambiente que, costumeiramente, é tido como agradável e prazeroso, no entanto, evoca sentimentos de solidão, tristeza, angústia, perda e vazio.

Posterior a essa imagem, segue um texto verbal composto pelas falas do enunciador e interlocutores. Logo abaixo, é apresentado ao leitor a foto do pai de Aylan Kurdi, Abdullah Kurdi, que antecede o texto verbal em que explica a reação do pai. A imagem é apresentada no certo da página e com dimensões maiores que o texto verbal. O fato dela vir antes do texto verbal que explica a reação do pai evidencia o quanto uma imagem pode expressar mais que palavras.

Foto 2 - Pai de Aylan Kurdi



Abdullah Kurdi, pai de Aylan Kurdi, menino de 3 anos encontrado morto em uma praia na quarta-feira (2), chora ao deixar um necrotério em Mugla, na Turquia. A família tentava migrar para o Canadá após fugir de Kobanî, cidade devastada pela guerra (Foto: Murad Sezer/Reuters)

Fonte: G1 (2015).

Observemos, primeiramente, a legenda da foto:

Abdullah Kurdi, pai de Aylan Kurdi, menino de 3 anos encontrado morto em uma praia na quarta-feira (2), chora ao deixar um necrotério em Mulga, na Turquia. A família tentava migrar para o Canadá após fugir de Kobanî, cidade devastada pela guerra.

Na legenda desta imagem, o narrador também se manifesta por meio de debreagens enuncivas de pessoa e de espaço (ele, no lá), criando efeito de distanciamento em relação ao leitor, pois enuncia em terceira pessoa. No entanto, os actantes recebem nomes: Abdullah Kurdi, o pai; e Aylan Kurdi, o menino de 3 anos que foi encontrado morto. Além disso, os lugares são identificados e recebem informações. Essas estratégias provocam efeitos de realidade para o leitor.

A fotografia de Abdullah Kurdi deixa transparecer toda tristeza e dor que ele estava sentindo naquele momento. A aproximação da câmera, a escuridão ao fundo e o foco total no pai produzem efeito de aproximação entre o autor da fotografia e o leitor. Nessa mesma cena, o fotógrafo retrata aquele instante da sua maneira, proporcionando assim efeitos de subjetividade. A expressão facial do pai, o choro, os olhos fechados e a mão levada à cabeça colaboram para despertar no leitor efeitos de passionalidade porque, muito mais que palavras, a imagem demonstra todo desespero de um pai ao perder seus filhos. O fato de o actante, pai de Aylan Kurdi, estar de frente para o leitor e olhando para a câmera (mesmo estando com os olhos fechados no momento da captura da fotografia) cria uma imagem em posição de debreagem actancial enunciativa que expressa nitidamente sentimentos de dor e pesar pela perda do filho. A dimensão da fotografia é maior que o texto verbal, aproximando o leitor da imagem enunciada e provocando efeitos de passionalidade. A dor de perder alguém especial é sofrida, perder um filho é perder uma parte de si. É uma dor inconsolável demonstrada através de uma imagem. Nenhuma palavra seria forte o suficiente para descrever a dor desse pai que perdeu dois filhos e a esposa na tentativa de migrar para o Canadá.

Embora as duas fotografias já apresentadas demonstrem apelo ao sensível, a terceira causa ainda mais comoção no leitor. Porém, antes dessa fotografia ser apresentada ao leitor um texto sincrético em formato de aviso¹⁹ chama a atenção do interlocutor.

¹⁹Esse mesmo aviso será apresentado novamente ao leitor no início do vídeo.

Foto 3 - Aviso



Fonte: G1 (2015).

O fundo em degradê, contendo a parte superior na cor branca e a inferior em cinza suscitam o efeito de transformação – o branco em oposição ao cinza lembra as oposições entre o leve e o pesado, o fraco e o forte. A escrita em vermelho chama a atenção e causa efeito de que algo ruim irá acontecer. A palavra “aviso” – escrita em negrito, letras maiúsculas, em fonte arial, centralizada e em tamanho grande – desperta o leitor para o recado que será repassado. A frase: “A imagem é forte”, escrita em letras menores, mas ainda bem visíveis, na cor vermelha, lembrando sangue, avisam o leitor de que é preciso ser forte para visualizar a imagem. Que ela é perturbadora, chocante.

Foto 4 - Aylan à beira mar



Policial paramilitar turco investiga o local onde apareceu o corpo de uma criança imigrante numa praia de Bodrum, na Turquia (Foto: AP)

Fonte: G1 (2015).

Aylan está morto, sua boca está voltada para a água, seus bracinhos para trás, como se demonstrasse que não há mais forças para lutar, ou até mesmo para viver. O policial de costas e Aylan imóvel no chão, demonstram uma fotografia em debreagem enunciativa, já que nenhum deles se volta para a câmera. A impossibilidade de ação e a inércia do policial combinam com o adjetivo “petrificada” utilizado pela fotógrafa logo na manchete da notícia.

Não é por acaso que essa é a imagem que finaliza a notícia e ocupa maior espaço em proporção às demais e ao texto verbal. Chocante, triste, inconsolável e uma infinidade de adjetivos seriam incapazes de definir os efeitos passionais que esta fotografia projeta. A imagem é muito mais forte do que as palavras. Ela tem o poder de remeter o leitor para dentro da cena. Através da fotografia, o leitor consegue, em algum grau, projetar-se no espaço do ocorrido, visto que consegue visualizar cada detalhe e não apenas imaginar, como acontece quando somente são utilizadas palavras para descrever um momento ou um ambiente. Certamente, outras fotos foram feitas, mas como todas as escolhas buscam persuadir o outro, é evidente que o narrador utilizou essa estratégia para captar a atenção do narratário.

Incoerente seria dizer que a fotografia não tinha nenhum objetivo ao fotografar uma criança, na praia, sem vida. Tampouco acontece com o enunciador (equipe do jornal) e narrador (repórter) que subjetivamente demonstram suas escolhas através das imagens e palavras utilizadas no decorrer da notícia. Logo, percebemos o efeito de sentido para sensibilizar o leitor ao estampar, em tamanho maior que as demais, a imagem do menino Aylan morto à beira-mar.

Antes de a imagem ser apresentada, um aviso de imagem forte é concedido ao leitor. Após ser apresentada, além da legenda, que também é enunciada em debruçagens enuncivas, nenhuma outra palavra é direcionada ao leitor. Ou seja, não existem palavras que expliquem tal situação. É importante notar que são duas as pessoas que aparecem na cena (o menino e o policial), no entanto, a atenção toda é voltada para a criança. O emocional de qualquer pessoa é tocado ao visualizar essa fotografia, não é por menos, que ela virou símbolo da crise migratória relatada. Considerando que a teoria semiótica do texto trabalha com oposições, atentamos para as oposições entre a vida e a morte apresentadas, nesse caso, na posição vertical do policial e na posição horizontal de Aylan. Enquanto este representa, metaforicamente, a morte, aquele representa a vida.

Todas essas estratégias, juntamente com a proporção de tamanho entre o policial e a criança e a praia aparentemente deserta, apenas com destroços espalhados pelo chão, suscitam no leitor efeitos de realidade e aproximação, pois é possível identificar que se trata de pessoas, lugar e fato reais. Os efeitos de ordem sensível se acentuam na imagem do menino encontrado sozinho, morto, de bruços para o mar, numa praia deserta. O corpo do menino é recolhido por um policial que aparentemente não expressa nenhum sentimento através das suas expressões faciais e corporais, dando ideia de que ele está lá apenas para cumprir seu papel: recolher “coisas” de um naufrágio ocorrido por conta de uma crise imigratória, inclusive uma criança morta.

b) Vídeo

A notícia também apresenta um vídeo²⁰ que, conforme visto anteriormente, é a forma mais expressiva de junção das linguagens verbais e visuais. O vídeo está inserido no corpo da notícia, logo após os relatos do pai de Aylan e antes da imagem que se tornou símbolo da crise e tanto repercutiu nos meios de comunicação. Esse vídeo tem duração de 01 minuto e 05 segundos.

Os vídeos, por apresentarem cenas em tempo real, denotam efeitos de realidade e aproximação, pois os atores são pessoas reais, de carne e osso, que se dirigem ao interlocutor. Portanto, são capazes de suscitar outros efeitos que remetem ao sensível do leitor. Este vídeo inicia com um aviso de “Atenção” escrito em letras grandes e vermelhas para realmente captar a atenção do leitor. Juntamente, aparece escrito: “As imagens são fortes” em letras menores na cor cinza. O tempo de duração do vídeo é de 01 minuto e 05 segundos. Desse tempo total, 09 segundos são destinados ao aviso, ou seja, um tempo maior que o suficiente para a leitura ser feita. Por ser maior que o necessário, esse tempo provoca suspense, ansiedade e expectativa no leitor, pois ele deseja saber o que está por trás desse aviso.

Posterior ao aviso, são apresentados 05 segundos de imagens de roupas, sapatos e objetos perdidos na areia. Nessa fração de segundos, o único som possível de ser ouvido é o barulho das ondas do mar. Ninguém mais se manifesta, nada mais se ouve. Dos 16 aos 18 segundos do vídeo, aparecem cinco homens retirando um bote inflável do mar. Percebe-se que eles conversam entre si, mas não é possível identificar o que estão falando. Provavelmente esses homens auxiliam na busca das pessoas afetadas pelo naufrágio.

As “imagens fortes” perduram durante longos segundos, mais precisamente, dos 19 segundos ao final do vídeo. Após a imagem dos homens retirando o bote, aparece a imagem do menino morto na areia. São exatos 17 segundos de angústia em que Aylan aparece sozinho, em diferentes ângulos, sendo personagem principal de uma cena triste e revoltante. Aylan, uma criança indefesa e com um futuro enorme pela frente, se encontra morto, à beira da praia, em posição de braços, sendo atingido pelas ondas do mar sem poder ao menos tentar se defender. Uma criança morta diante da imensidão do mar. O único som identificado é o barulho das ondas do mar.

A linguagem verbal, no vídeo, é identificada pela legenda: “Turquia Família de criança encontrada morta tentava ir para o Canadá”. A legenda, por ser enunciada em 3ª

²⁰O vídeo pode ser acessado através do link:<<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/fiquei-petrificada-diz-fotografa-que-fez-imagem-de-menino-sirio-morto.html>> e também está disponível no CD de anexos.

pessoa, provoca efeitos de distanciamento e objetividade. A sensação estabelecida pela legenda é que nada mais precisa ser dito, apenas visualizado, pois as imagens falam por si só.

A partir dos 35 segundos do vídeo começam aparecer os policiais militares responsáveis pela busca das pessoas atingidas. Eles fotografam a cena que chocou o mundo, escrevem suas anotações e se aproximam da criança, aparentemente, com receio e piedade. Algumas vozes conversam no fundo do vídeo, mas em nenhum momento é possível identificar o que falam.

O corpo de Aylan é retirado do mar aos 53 segundos de vídeo, ou seja, o tempo em que a criança aparece sozinha e indefesa é mais extenso que todas as outras cenas. Essa cena não é a mais extensa por acaso. Ao decidir que essa seria a cena mais extensa, o enunciatador expõe sua decisão, causando, portanto, efeitos de angústia, compaixão e sensibilidade no leitor. Qualquer ser humano, em livres condições de expressões e sentimentos, tentaria salvar uma criança. Os segundos finais do vídeo exibem um adulto sendo retirado do mar, também sem vida, por outras três pessoas. Portanto, percebe-se que o foco total do vídeo e da notícia foi dado ao menino Aylan.

Em nenhum momento do vídeo os atores se voltam para a câmera, estão todos esses atores, portanto, em posição enunciativa. No entanto, o som das ondas, o movimento do mar e do outros atores, enfim, o cenário da tragédia reproduzido em vídeo produz efeitos de aproximação ente leitor e fato noticiado. As tomadas de câmera se voltam a todo instante para Aylan Kurdi a fim de ocasionar efeitos de passionalidade no leitor.

Assim, são evocados efeitos de realidade, pois vivemos as cenas através do vídeo e das fotografias. Os efeitos de aproximação e de subjetividade são expressos pelas escolhas enunciativas verbais e não verbais feitas pelos interlocutores. Os efeitos passionais se projetam através de alguns discursos, das palavras utilizadas, pelas fotografias, pelo vídeo. Tudo isso aproxima o leitor da cena porque ele se coloca no lugar do pai, ou seja, através dos discursos diretos, das fotografias e, conseqüentemente, das cenas mostradas no vídeo.

6.3 ENTÃO...

Nesta seção, apresentamos um resumo das principais estratégias de ordem do sensível identificadas na reportagem que constituiu o *corpus* de análise. Para isso, elaboramos o seguinte quadro:

Quadro 3 - Análise das estratégias enunciativas

Instâncias da análise	Estratégias Enunciativas
1-Instâncias enunciativas – delegação de vozes	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Enunciador: Equipe jornalística do G1 <i>on-line</i>. ❖ Narrador: Apesar da notícia não ser assinada, sabemos que há um narrador responsável pelo texto. ❖ Interlocutor: Entrevistados (discurso verbal e não verbal).
2- Instância do narrador	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Instaurado em 3ª pessoa - debreagem actancial enunciativa; o narrador não utiliza termos que denotam emoções e deixa isso a cargo dos interlocutores através da delegação de voz. ❖ Efeito de distanciamento e objetividade atende à coerção do gênero notícia. ❖ Delega voz aos interlocutores.
3- Instância do interlocutor	<ul style="list-style-type: none"> ❖ <i>Interlocutor 1</i>: discurso direto em 1ª pessoa – debreagem actancial enunciativa, palavras e expressões que atuam como estratégias de ordem do sensível. ❖ <i>Interlocutor 2</i>: discurso direto em 1ª pessoa – debreagem actancial enunciativa, palavras e expressões que atuam como estratégias de ordem do sensível. ❖ <i>Interlocutor 3</i>: discurso direto em 3ª pessoa – debreagem actancial enunciativa, palavras e expressões que atuam como estratégias de ordem do sensível. ❖ <i>Interlocutor 4</i>: Discurso direto não verbal – projetam efeitos da ordem do sensível, aproximação, verdade e realidade. ❖ Os discursos diretos dos interlocutores utilizam estratégias enunciativas que remetem ao apelo passional do leitor.
4- Linguagens não verbais	<ul style="list-style-type: none"> ❖ A posição dos atores revela debreagens enuncivas ou enunciativas. ❖ As debreagens denotam diferentes efeitos de sentido. ❖ O foco das câmeras, o tempo de duração das cenas e a diagramação das fotografias são utilizados como estratégias de arrebatamento de atenção do leitor e projetam efeitos passionais.

Fonte: Elaboração própria.

Identificamos três instâncias enunciativas nesse *corpus*: um enunciador pressuposto pela equipe jornalística do site G1; o narrador, responsável pela notícia que, neste caso, não é identificado com um nome próprio, no entanto, sabemos que ele existe; os interlocutores, aqueles que recebem a delegação de voz do narrador, sendo assim, quatro interlocutores fazem parte desta notícia.

No que tange à instância do narrador, identificamos que ele projeta no discurso uma debreagem actancial enunciativa, ou seja, instaura a terceira pessoa do singular (ele), o que é uma característica comum dos textos jornalísticos. Observemos o trecho: “*A fotógrafa responsável pela imagem de Aylan Kurdi, o menino sírio que morreu afogado em Bodrum, na Turquia, falou nesta quinta-feira (3) sobre o caso e disse ter ficado petrificada com a cena*”. A estratégia de enunciar em terceira pessoa cria efeitos de distanciamento e objetividade. Ainda, no enunciado, o narrador não utiliza de palavras/expressões que deixem transparecer emoções ou opiniões subjetivas e, assim, predominam as estratégias de ordem racional, “apagando-se” os mecanismos de ordem do sensível nesse discurso verbal.

Por meio de debreagens internas de 2º grau, o narrador delega voz aos interlocutores. Essa delegação de voz também é uma estratégia de ordem racional e que projeta efeitos de sentido de distanciamento do narrador em relação ao fato narrado, ou seja, não é ele quem fala dos fatos, mas o interlocutor. Assim, de certa forma, ele se isenta do dito e, ao mesmo tempo, projetam-se efeitos de verdade e de realidade no texto com a instauração desses interlocutores. Diferentemente do narrador, os interlocutores possuem autonomia para se manifestar no texto, desse modo, são livres para expressar suas opiniões e sentimentos. Assim, é nessa instância que mais se evidenciaram estratégias de ordem passional.

Na notícia ora em foco, quatro interlocutores foram identificados. Desses, três se instauram no enunciado através de discurso direto verbal e um por meio de discurso direto não verbal (fotos e vídeo). Consideramos *interlocutor 1* a fotógrafa Nilüfer Demir; *interlocutor 2* o pai de Aylan Kurdi, Abdullah Kurdi; *interlocutor 3* o primeiro-ministro Manuel Valls; e, *interlocutor 4* os autores das fotografias e do vídeo (que se manifestam através de discurso direto não verbal).

Nessa instância, os interlocutores se manifestam por meio de discurso direto, que representa a fala literal do interlocutor. Por suas escolhas serem livres, em seus enunciados aparecem estratégias de ordem do sensível. As mais comuns são a projeção do interlocutor em 1º pessoa (debreagem actancial enunciativa) e a utilização de palavras e expressões que trazem conotação passional.

A interlocutora 1, por exemplo, enuncia por meio de discurso direto em primeira pessoa (eu). A escolha pela debreagem actancial enunciativa projeta efeitos de subjetividade e aproximação entre o interlocutor e interlocutário. Os discursos dessa interlocutora também projetam efeitos de realidade, pois relata momentos e detalhes vivenciados por ela. Isso pode ser percebido através do seguinte discurso: “*Ele estava deitado de barriga para baixo sem vida, na areia, de camiseta vermelha e com seu short azul escuro*”. Além disso, as escolhas

linguísticas feitas pela interlocutora denotam efeitos de apelo ao sensível. Ao dizer “*Fiquei petrificada*” tal expressão desperta o leitor para o sensível, fazendo com que ele se envolva pela dimensão do sentimento pelo qual a fotografia foi tomada. Outro trecho do depoimento da interlocutora 1 comprova esse apelo de ordem sensível: “*A única coisa que eu poderia fazer era tornar seu clamor ouvido*”. Esse discurso assume tom de comoção e provoca efeitos que podem ser sentidos pelos leitores. Também denotam o seu estado de alma os seguintes enunciados: “*Essa imagem mostra o quão dramático o incidente foi*” e “*Fiquei chocada, me senti mal por eles*”. As expressões em destaque revelam sensações e emoções da interlocutora. Essas sensações são partilhadas com os leitores, que também se dispõem, em algum grau, a se identificar com o sentido pela fotografia.

O interlocutor 2, diferentemente da interlocutora 1, se enuncia apenas uma vez, mas também através de discurso direto em primeira pessoa (debreagem actancial enunciativa). Os efeitos de apelo ao sensível podem ser denotados por meio do seguinte trecho: “*Carreguei a minha mulher nos braços. Mas meus filhos escorregaram das minhas mãos*”. Essa fala representa todo o pesar do pai por não conseguir salvar a vida dos seus filhos. O leitor se identifica com o sentimento de impotência do pai. Assim, além de efeitos de passionalidade, também são projetados efeitos de aproximação entre interlocutor e interlocutário.

Contrário aos interlocutores 1 e 2, o interlocutor 3 se enuncia por meio de discurso direto em terceira pessoa, desse modo, são projetados efeitos de distanciamento e objetividade. Apesar de utilizar uma debreagem actancial enunciativa, o interlocutor deixa transparecer sentimentos através de sua fala, em que demonstra indignação perante o fato ocorrido: “*Ele tinha um nome: Aylan Kurdi. Ação urgente é necessária - uma mobilização da Europa inteira é urgente*”. As escolhas enunciativas desse interlocutor denotam efeitos de passionalidade e subjetividade, pois ele se expressa sem omitir sentimentos e opiniões. O fato de dizer que “*ele tinha um nome*” denota efeito passional como um apelo para que o menino não seja visto como apenas mais um número entre as centenas de vidas que se perderam. A ação urgente de mobilizar a Europa inteira demonstra a preocupação do ministro diante do fato ocorrido.

O interlocutor 4 é representado pelos autores das fotografias e vídeo. Convém ressaltar que entendemos que o narrador delega “voz” aos fotógrafos, os quais se manifestam através de discurso direto não verbal. Assim, as fotografias e vídeo podem ser consideradas “as falas” dos fotógrafos, já que eles se expressam através das imagens capturadas. Nesta notícia, as fotografias e vídeo denotam estratégias de apelo passional. Ambas as fotografias que aparecem são relativamente maiores que o espaço ocupado pelo texto verbal e não

aparecem apenas para apresentar o referente acerca de quem se fala. Elas trazem consigo as paixões vividas pelos atores, como no caso da foto que representa o desespero do pai do menino. O tamanho da imagem, o enquadramento do ator, a posição e as expressões faciais e corporais deste destacam o sentimento de desespero do pai de Aylan, aproximando dele o leitor, que se comove também com a dor estampada no rosto do outro. Outra fotografia enquadra o menino morto na praia. Uma criança sozinha, de braços na água, com os bracinhos voltados para trás demonstrando que não há mais forças para lutar, tudo isso sob o olhar inerte de um policial reiteram a impossibilidade de ação. Esses elementos despertam a paixão do leitor que se comove com a cena e sente a dor do outro.

A notícia, além das fotografias, também apresenta um vídeo que tem um minuto e cinco segundos de duração. No vídeo podemos assistir às imagens de Aylan Kurdi sem vida na praia, um policial fazendo anotações perto da criança, pessoas não identificadas que se movimentam ao fundo e retiram um bote do mar e, em seguida, retiram Aylan da praia. Por apresentar cenas em tempo real, com pessoas de carne e osso, por ser possível ouvir o som das ondas e visualizar detalhes do local, efeitos de realidade e aproximação podem ser identificados. Os atores, Aylan Kurdi, os policiais e algumas pessoas não identificadas que se movimentam ao fundo do vídeo, são projetados em posição de debruçagem enunciativa, ou seja, em nenhum momento eles se voltam para a câmera. Esse tipo de posição provoca efeitos de distanciamento. As tomadas de câmera, que se voltam a todo o momento ao menino Aylan, de braços na praia, projetam efeitos de passionalidade, pois remetem ao sensível do leitor. Ninguém fala no vídeo, o único som possível de ser ouvido é o barulho das ondas do mar. O silêncio do entorno e o barulho das ondas aproximam o interlocutário do cenário, e assim do fato, propiciando que este também vivencie as emoções sentidas pela fotógrafa ao se deparar com tal cena. Essas escolhas, portanto, despertam efeitos de sentido de apelo ao sensível do leitor. Dessa forma, estratégias enunciativas de apelo ao sensível são reveladas nas notícias *on-line* e se manifestam principalmente na instância dos interlocutores estabelecendo mecanismos de ordem diversa, tanto na linguagem verbal, quanto na linguagem não verbal.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de dissertação, sob a perspectiva da Semiótica Discursiva, estudamos como as escolhas enunciativas são empregadas no texto projetando diferentes efeitos de sentidos. O *corpus* de análise para esse estudo foi uma notícia *on-line* publicada no dia três de setembro de dois mil e quinze no site da Globo (G1). A notícia ora em foco é intitulada '*Fiquei petrificada*', diz fotógrafa que fez imagem de menino morto (anexo A), que trata de um acontecimento internacional.

O objetivo geral deste trabalho era identificar e analisar estratégias enunciativas relacionadas à projeção de efeitos de sentido passionais em notícias jornalísticas *on-line*. Como objetivos específicos, buscávamos: a) entender como elementos verbais e não verbais (sincretismo de linguagens) convergem para a construção dos sentidos; e b) compreender os diferentes efeitos de sentido projetados por escolhas enunciativas de diferentes ordens.

Consideramos que tais objetivos foram alcançados. No que diz respeito ao objetivo geral, identificamos e analisamos que as estratégias enunciativas relacionadas à projeção de efeitos de sentido passionais ocorrem, na notícia objeto de estudo, na instância do interlocutor, mais especificamente nas escolhas linguísticas dos enunciados verbais em discurso direto e nas fotografias e vídeo - os quais também entendemos como uma forma de discurso direto, porém da ordem do não verbal.

Quanto aos objetivos específicos, entendemos que o sincretismo de linguagens contribui para a construção dos sentidos, visto que uma linguagem complementa a outra. Compreendemos, ainda, que os efeitos de sentido são projetados a partir das escolhas enunciativas. Assim, dependendo das escolhas são despertados efeitos de sentidos de diferentes ordens. Identificamos efeitos tanto de ordem racional (inteligíveis) quanto de apelo ao sensível (passionais). Os primeiros, de ordem do racional, evidenciaram-se no discurso do narrador, relacionados às marcas de objetividade, distanciamento, imparcialidade; os segundos, de ordem do sensível, evidenciaram-se mais no discurso dos interlocutores, nas fotos e no vídeo.

No intuito de alcançar tais objetivos, primeiramente, foi necessária uma revisão de literatura. Assim, discorremos sobre os gêneros do discurso, características particulares do gênero notícia e sobre o sincretismo de linguagem. Em seguida, apresentamos os pressupostos

teóricos da Semiótica Discursiva e enfatizamos o nível discursivo na perspectiva da enunciação a fim de estudar os mecanismos enunciativos que se projetam no texto e produzem diferentes efeitos de sentido. Abordamos as categorias da enunciação, o modo de projeção no enunciado e os efeitos de sentido que elas produzem.

Na sequência, apresentamos as estratégias enunciativas na linguagem não verbal e os efeitos de sentidos que elas projetam no texto. Considerando as linguagens não verbais presentes em nosso *corpus* de análise, estudamos sobre as fotografias e os vídeos e como os elementos dessas linguagens produzem diferentes efeitos de sentido.

Então, apresentamos os procedimentos metodológicos para prosseguir com a análise do *corpus*, na qual identificamos as instâncias enunciativas: enunciador/enunciatário, narrador/narratário e interlocutor/interlocutário. Em seguida, analisamos os enunciados verbais e não verbais que se projetam em cada instância e neles buscamos identificar mecanismos de apelo passional, de ordem do sensível.

O *corpus* foi constituído por uma notícia *on-line*, intitulada “*Fiquei petrificada’, diz fotógrafa que fez imagem de menino sírio morto*”, publicada no site de notícias Globo (G1) no dia três de setembro de dois mil e quinze. Por ser constituída de linguagem verbal e não verbal a notícia analisada é um texto sincrético. Consideramos, nesse estudo, linguagem verbal o texto escrito e, linguagem não verbal, as fotografias e o vídeo.

Na linguagem verbal, verificamos que são instauradas três instâncias enunciativas: enunciador, pressuposto pela equipe jornalística do jornal *on-line* da Globo (G1); narrador, responsável pela notícia apresentada no jornal e os interlocutores, que são os entrevistados pelo narrador. No *corpus* em análise, identificamos três interlocutores que se manifestam por meio de discurso direto verbal, eles se enunciam no texto, respectivamente como a fotógrafa que fez a imagem de Aylan (Nilüfer Demir), o pai de Aylan (Abdullah Kurdi) e o primeiro-ministro da França (Manuel Valls).

Constatamos que as estratégias enunciativas utilizadas no enunciado verbal do narrador projetam efeitos de objetividade e neutralidade. No entanto, quando ocorre a delegação de voz aos interlocutores, estes podem manifestar suas opiniões sem restrições. Assim, na notícia que analisamos, evidenciaram-se efeitos de passionalidade na instância do interlocutor, quando estes se manifestam em discurso direto. Nos enunciados verbais desses sujeitos, aparecem marcas de subjetividade e de apelo ao sensível, como a utilização da primeira pessoa do singular e de termos e expressões que denotam a emoção do sujeito que fala.

No que tange às linguagens não verbais, consideramos as fotos e vídeo como uma espécie de discurso direto não verbal, projetado na instância do interlocutor. As fotos analisadas projetaram efeitos de sentido passionais, isso também ocorre no vídeo que acompanha a notícia. O interlocutor pode transmitir suas emoções por meio da captura de momentos reais que, possivelmente, projetam o leitor para dentro da cena e, assim, despertam para o sensível e passional do interlocutário. No vídeo analisado, os efeitos de realidade foram denotados através do cenário, das ondas do mar em movimento, dos policiais e pessoas se locomovendo ao fundo. Os efeitos passionais são percebidos pela aproximação da câmera para Aylan, pelo tempo de duração das cenas em que a criança aparece sozinha no beira do mar. Nas fotografias, os efeitos de sentido passionais se produzem, principalmente, pelas expressões faciais e corporais dos atores, pelo enquadramento e dimensões das imagens em relação ao texto verbal, bem como com a posição dos atores. O cenário e a iluminação escura do ambiente, juntamente com a imagem da criança sem vida, despertam efeitos de tristeza e comoção no leitor. Nesse sentido, apesar do gênero notícia apresentar coerções que prezam os efeitos de objetividade e neutralidade na instância do narrador, são utilizadas estratégias como as delegações de voz em discurso direto verbal e não verbal, que denotam efeitos de subjetividade, de aproximação e de apelo ao sensível. Considerando que tudo que é apresentado no jornal passa por uma supervisão, tanto do narrador quanto da equipe jornalística, entendemos que tais escolhas também denotam a subjetividade do narrador e do enunciador.

Com este trabalho, buscamos trazer contribuições acerca dos mecanismos enunciativos utilizados em notícias *on-line*, identificando como diferentes estratégias enunciativas produzem efeitos de sentido de apelo ao sensível. Além disso, buscamos desenvolver habilidades de leitura que poderão ser repassadas aos alunos a fim de fazê-los compreender melhor os textos e seus efeitos de sentido. Por conta do recorte que fizemos do estudo, outros aspectos também importantes podem ter sido deixados de lado, no entanto, esperamos que as considerações aqui tecidas possam dialogar com outros estudos acerca das estratégias enunciativas e seus respectivos efeitos de sentidos, a fim de enriquecer as discussões em torno do tema. Por ora, conclui-se este trabalho, no entanto, permitem-se ensejos de continuidade de estudo em torno deste tema a fim de abranger aspectos que complementem esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALUNAS protestam contra a proibição do uso de shorts em escola de Porto Alegre. **Zero Hora On-line**. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2016/02/alunas-protestam-contr-a-proibicao-do-uso-de-shorts-em-escola-de-porto-alegre-4982684.html#>> Acesso em: 25 fev. 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. 4. ed. São Paulo: Editora Parma, 2005.

_____. Algumas Reflexões Semióticas sobre a enunciação. In: DI FANTI, Maria da Glória; BARBISAN, Leci Borges (orgs). **Enunciação e Discurso**: tramas de sentidos. São Paulo: Contexto, 2012a, p. 25-49.

_____. A semiótica no Brasil e na América do Sul: rumos, papéis e desvios. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, jun. 2012b. Disponível em: <<http://biblioteca.versila.com/51494084>>. Acesso em: 11 mar. 2016.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1976.

BENVENISTE, Émile. (1958) Da subjetividade na linguagem. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. In: _____ **Problemas de linguística geral I**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005, p. 284-293.

BUBLITZ, Juliana. "Fizemos revista minuciosa", diz proprietário de bar onde homem foi morto em Porto Alegre. **Zero Hora On-line**. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2016/06/fizemos-revista-minuciosa-diz-proprietario-de-bar-onde-homem-foi-morto-em-porto-alegre-5849516.html>> Acesso em: 05 jun. 2016.

CARMO JR. José Roberto do. Estratégias enunciativas na produção do texto publicitário verbo visual. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia de; TEIXEIRA, Lucia (orgs.). **Linguagens na Comunicação**: desenvolvimentos de semiótica sincrética. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009. p. 169-184.

CASAL escapa de deslizamento de encosta após tremor na Nova Zelândia. **Globo On-line**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/02/casal-escapa-de-deslizamento-de-encosta-apos-tremor-na-nova-zelandia.html>> Acesso em: 14 fev. 2016.

CRESTANI, Luciana. **A oralidade como estratégia enunciativa no Jornal On-line**. São Paulo, 2010. [Tese de doutorado (doutorado em Letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie]. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp143729.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

DILMA é recebida com "panelaço" e "buzinaço" em Campinas. **Terra On-line**. Disponível em: <<https://noticias.terra.com.br/brasil/politica/impeachment/dilma-e-recebida-com-protestos-em-campinas,f4a8931e760100709cd1bfd10296d8d4wp1hkqf6.html>>. Acesso em: 09 jun. 2016.

ENTENDA a situação de países de onde saem milhares de imigrantes à Europa. **Globo On-line**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/08/entenda-situacao-de-paises-de-onde-saem-milhares-de-imigrantes-europa.html>>. Acesso em: 04 set. 2015.

FARACO, Carlos Alberto. Linguagem e diálogo. **As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. 1 ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luis. Pragmática. In.: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2003, v.2. p. 161-185.

_____. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2006.

_____. **Elementos de análise do discurso**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

'FIQUEI petrificada', diz fotógrafa que fez imagem de menino sírio morto. **Globo On-line**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/fiquei-petrificada-diz-fotografa-que-fez-imagem-de-menino-sirio-morto.html>>. Acesso em: 03 set. 2015.

FORNI, João José. A foto do dia: ensaio sobre fotojornalismo e análise documental. **Revista Universitas/Comunicação, Centro universitário de Brasília – UNiCEUB, FASA**, vol. 3, nº3, Brasília, v.3, n.3, p. 1-20, abr. 2005. Disponível em: <<http://jforni.jor.br/forni/files/A%20foto%20do%20dia%20>

%20ensaio%20sobre%20fotojornalismo%20e%20an%C3%A1lise%20document%C3%A1ria.pdf>. Acesso em: 12 jun, 2016.

GAÚCHO, Diário. Cratera em terreno de Viamão representa perigo para moradores. **Zero Hora On-line**. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2016/08/cratera-em-terreno-de-viamao-representa-perigo-para-moradores-7329634.html>>. Acesso em: 26 maio 2016.

GOMES, Regina Souza. O sincretismo de linguagens no jornal. **Linguagem em (Re)vista**. Ano 2, n. 2. Niterói, jan./jun., 2005. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/2/09.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2016, p. 103 - 116.

_____. Modos de olhar: relações entre enunciação e enunciado no jornal. In: **III Congresso Internacional de Semiótica: Semiótica as Interações Sociais – Caderno de Resumos**, Vitória: UFES, 2007, v. 1. p. 59 – 70.

_____. Paixões e argumentação na mídia impressa. In: EMEDIATO, W.; MACHADO, I. L.; MELLO, R. (orgs.) **Anais do III Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso: emoções, ethos e argumentação**. Belo Horizonte: UFMG, 2008. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWVpbnxwcm9mYWRYeXJlZ2luYXNvdXphZ29tZXN8Z3g6OTIwMWYzNjQ5ODc4NzRl>>. Acesso em: 12 jun, 2016.

_____. O sincretismo no jornal. In.: OLIVEIRA, Ana Cláudia; TEIXEIRA, Lucia (Orgs.). **Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética**. São Paulo: Estação das Letras, 2009, p. 215-246.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido II**. 1 ed. Ensaaios Semióticos. São Paulo: Nankin; Edusp, 2014.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques**. São Paulo: Contexto, 2006.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEDEIROS, Martha. Do virtual ao real. **Revista Donna ZH**. Disponível em: <<http://revistadonna.clicrbs.com.br/coluna/martha-medeiros-do-real-ao-virtual/>>. Acesso em: 09 jun 2016.

'NÃO dói o útero e sim a alma', diz menina vítima de estupro coletivo. **Globo On-line**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/nao-doi-o-utero-e-sim-alma-diz-menina-vitima-de-estupro-coletivo.html>>. Acesso em: 27 maio 2016.

MELLO, José Guimarães. **Dicionário multimídia**: jornalismo, publicidade e informática. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernani C; **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2009.

RIBEIRO, Pollyanne Bicalho. **Funcionamento do gênero do discurso**. Bakhtiniana. São Paulo, v.1, n.3, p.54 -67, 1º sem. 2010.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P. **Hipermodalidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.

TEIXEIRA, Lucia. Entre dispersão e acúmulo: para uma metodologia de análise de textos sincréticos. **Gragoatán**.16, Niterói, UduFF, 2004. (Texto original da autora, sem numeração de páginas, arquivo em pdf.).

TOMAZ, Kleber; PIZA, Paulo Toledo. Mulheres são presas por torturar, filmar e arrastar menor nua em SP. **Globo On-line**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/05/mulheres-sao-presas-por-torturar-filmar-e-arrastar-menor-nua-em-sp.html>>. Acesso em: 29 maio 2016.

ANEXOS

ANEXO A – Notícia: ‘Fiquei petrificada’, diz fotógrafa que fez imagem de menino sírio morto

MENU

G1

MUNDO

03/09/2015 11h58 - Atualizado em 03/09/2015 13h28

'Fiquei petrificada', diz fotógrafa que fez imagem de menino sírio morto

Foto de criança morta em praia na Turquia virou símbolo de crise migratória. Irmão e mãe de menino também morreram em naufrágio.

Do G1, em São Paulo

FACEBOOK

TWITTER

GOOGLE+

PINTEREST



Policial paramilitar recolhe o corpo de uma criança morta que apareceu em praia da ilha de Kos, na Grécia. Vários migrantes morreram afogados e alguns seguem desaparecidos após botes lotados naufragarem durante tentativa de chegar ao território grego (Foto: AP/DHA)

A fotógrafa responsável pela imagem de Aylan Kurdi, o menino sírio que morreu afogado em Bodrum, na Turquia, falou nesta quinta-feira (3) sobre o caso e disse ter ficado petrificada com a cena. A imagem se tornou um símbolo da crise migratória na Europa. Além do menino, um de seus irmãos e sua mãe também morreram no naufrágio.



origens

a travessia

mortes

missões de resgate

caso alan kurdi

como ajudar

“Naquele momento, quando vi Aylan Kurdi, eu fiquei petrificada”, contou Nilüfer Demir, que cobre a crise migratória em Bodrum para a agência de notícias Dogan.

“Ele estava deitado de barriga para baixo sem vida na areia, de camiseta vermelha e com seu short azul escuro. A única coisa que eu poderia fazer era tornar seu clamor ouvido. Naquele momento, eu pensei que poderia fazer isso ao acionar minha câmera e fazer sua foto”, contou a fotógrafa.

Ela em seguida notou que outra criança, Galip, irmão de Aylan, também estava no chão. “Galip estava a 100 metros de seu irmão. Percebi que ele não estava com colete salva-vidas ou qualquer coisa que o ajudasse a flutuar na água. Essa imagem mostra o quão dramático o incidente foi.”

Demir cobre as imigrações na região há 15 anos. “Eu testemunhei muitos incidentes com imigrantes nesta região, suas mortes,

seus dramas. Espero que isso agora mude. Fiquei chocada, me senti mal por eles. A melhor coisa a fazer era tomar sua tragédia conhecida.”



Abdullah Kurdi, pai de Aylan Kurdi, menino de 3 anos encontrado morto em uma praia na quarta-feira (2), chora ao deixar um necrotério em Mugla, na Turquia. A família tentava migrar para o Canadá após fugir de Kobanî, cidade devastada pela guerra (Foto: Murad Sezer/Reuters)

Reação do pai

O pai de Aylan perdeu também a mulher e outro filho de cinco anos no naufrágio. Abdullah Kurdi falou à a agencia de notícias turca Dogan sobre a tragédia: **"Meus filhos escorrem pelas minhas mãos", disse.**

saiba mais

Foto chocante de menino morto revela crueldade de crise migratória

Imigrantes sírios morrem afogados em tentativa de chegar à Grécia

"Tínhamos jalecos salva-vidas, mas o barco afundou porque vários se levantaram. Carreguei a minha mulher nos braços. Mas meus filhos escorregaram das minhas mãos", contou ele.

Kurdi e a família tentavam reencontrar parentes no Canadá embora o pedido de asilo tivesse sido negado, de acordo com o

site "National Post".

Após o naufrágio, na quarta-feira (2), o pai ligou para a irmã, que mora em Vancouver há 20 anos, e disse que seu único desejo é voltar para a cidade de Kobane, no norte da Síria, para enterrar seus familiares e ser enterrado ao lado deles.

Teema Kurdi, irmã de Abdullah, disse ao "National Post" que o pedido de refúgio havia sido negado em junho pelo Ministério da Cidadania e da Imigração devido às complicações envolvendo os pedidos de refúgio para estrangeiros de origem turca.

O ministro Chris Alexander não foi encontrado para comentar o assunto, ainda de acordo com o jornal.



Naufração

Pelo menos nove sírios morreram, segundo a agência AFP -- outros veículos já citam 12. As duas embarcações haviam partido do balneário turco de Bodrum e tentavam chegar à ilha grega de Kos.

A foto virou um dos assuntos mais comentados no Twitter e diversos veículos da imprensa internacional o destacaram como emblemática da gravidade da situação, até mesmo com potencial para ser um divisor de águas na política europeia para os imigrantes.

O primeiro-ministro da França, Manuel Valls, disse que a morte do menino sírio mostram a necessidade de ação urgente da Europa na crise migratória. "Ele tinha um nome: Aylan Kurdi. Ação urgente é necessária - uma mobilização da Europa inteira é urgente", escreveu Valls em sua conta no Twitter nesta quinta-feira.

Na quarta-feira, Itália, França e Alemanha assinaram um documento conjunto pedindo pela revisão das atuais regras da União Europeia sobre garantia de asilo e uma distribuição "justa" de imigrantes no bloco, informou o Ministério das Relações Exteriores da Itália.

AVISO:
A IMAGEM É FORTE



Policial paramilitar turco investiga o local onde apareceu o corpo de uma criança imigrante numa praia de Bodrum, na Turquia (Foto: AP)